

# O Progresso Catholico

REVISTA RELIGIOSA, SCIENTIFICA, LITTERARIA, ARTISTICA E NOTICIOSA

## SUMMARIO:

*Hosanna!*, pelo P.º Senna Freitas.—SECÇÃO RELIGIOSA: *Triumpho dos proscriptos em França*, pelo P.º H. Ramière, (continuação); *A Santa Sé e o governo Belga*, por J. J.—SECÇÃO SCIENTIFICA: *O homem-macaco*, pelo P.º F. Sanches; *O artigo 7.º diante da razão e do bom senso, ou as contradicções do Sr. Julio Ferry*, pelo P.º Felix.—SECÇÃO CRITICA: *Um mau livro de Historia*, pelo P.º Chrispim Caetano Ferreira Tavares; *Coisas! Coisas!*, por um vimaranense; *A festa escolar da irmandade dos Santos Passos*, por Elias de Sampaio.—SECÇÃO HISTORICA: *O santuario de Nossa Senhora de Guadalupe*, pelo P.º João Vieira Neves Castro da Cruz (continuação).—MOVIMENTO CATHOLICO EM PORTUGAL: *A festa da propagação da Fé em Guimarães*, por J. de Freitas.—SECÇÃO LITTERARIA: *Luiz de Camões e as glorias de Portugal*, poesia pelo P.º C. R.; *O Santuario do Bom Jesus em Braga*, por Bernardino José de Senna Freitas.—SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA, por F. de Guimarães.—RETROSPECTO DA QUINZENA, por J. de Freitas.—AOS NOSSOS ASSIGNANTES, por Teixeira de Freitas.

GUIMARÃES 30 DE DEZEMBRO DE 1880

## HOSANNA!

Só Jesus é grande.

Ingenito e incomprimível é no coração do homem o instincto da gloria. A razão a entrevê e a ama desde que n'ella irrompem os primeiros lampejos da virilidade scismadora, os braços estendem-se ansiosos, como os de Narcizo na miragem do lago, por attingil-a e abraçal-a.

Seductora imagem, fatidico enlevo, aspiração congenial, tão poderosa e vehemente como a lei da propria vida moral, todo o ente humano gravita, atravez das repulsões e attracções creadas pelos homens e pelas cousas, atravez de mundos e mundos de obstaculos, atravez dos desfallecimentos d'um largo e tempestuoso jornada, para esse astro deslumbrante que se chama a gloria. Muitos se equivocam no seu verdadeiro objectivo, ninguem ha que a não procure. Argumento irrecusavel do sentimento innato da immortalidade.

E' pouco, não é nada para o homem, singular entidade que dois metros medem de sóbra o que mede os incomensuraveis espaços, o lapso de uma existencia de dezenove lustros.

Quer duplicar-se, crear um supplemento á sua peregrinação terrestre, viver além da vida, perpetuar na humanidade o seu nome, porque aspira á gloria e a gloria é a perpetuidade, sim, a

perpetuidade solidada no mais ambicionado de todos os pedestaes, como diz Pascal, no pensamento humano. Mas, semelhante á vaga impotente que pretende demover a roca solitaria do oceano, o homem debate-se offegante com o infinito, lucta, persiste, forceja e cahê exhausto, vencido pela fatalidade da acção do tempo que tudo assoberba e absorve, e pela mesma gloria, que tantas vezes apaga para escrever.

Venha o bronze eternisar um nome consagrado, porem o bronze oxyda-se, venha o marmore, porem o marmore esgasta-se, venha a tela, porem a tela desbota-se, venha a Historia, porem a Historia é uma testemunha que se contradiz, venha a tradição oral, porem tambem os homens são raras vezes con-testes e, de resto, cançados de legarem uns aos outros um nome preclaro, deixam-n'o resvallar á valla immensa de celebridades sem numero, que fulgiram um dia para extinguir-se no dia seguinte.

Só Jesus é grande, porque só Jesus é sempre.

O pé indifferente do torista conculca hoje as cinzas de florentes e vetustas cidades, que assombraram o mundo, mas das quaes só restam inscripções cuncoiformes ou hieraticas e indecifra-veis; lapides meio esboroadas, escombros informes e nivelados com o solo, sobre os quaes lavra a herva; e a aragem, ramalhando buliçosa por entre ella, parece soprar um tom sarcastico de irrisão. Que é a outr'ora orgulhosa Roma? O destroço d'um naufragio. Que é o Egypto? Um sepulchro aberto. Que

é a Grecia de Pericles? Um thema de dissertação para uma aula de Historia.

Os candidatos da celebridade não foram muito mais felizes. Nenhum sol dardejou sobre elles de tão alto que não projectasse alguma sombra. Na caldeação dos metaes com que fundiram as suas proprias estatuas depara-se sempre a argila das suas imperfeições pessoais, friavel demais para resistir ao criticismo historico e á absoluta admiração da posteridade. As azas do genio não os vedaram de se macularem ao contacto do pó da terra que pizavam.

Vieram successivamente os conquistadores e os legisladores, os fautores de religiões e os sabios, os poetas e os artistas, os argonautas e os descobridores entalhar nas laminas do grande album dos illustres os seus gestos gloriosos ou a menção dos seus productos celebres. Que conquistaram? Um nome? Pouca cousa é um nome. A ambição d'aquelles onde estua o fogo vivo da gloria não pode apagal-a um pouco d'ar vibrado nem um polli syllabo repetido reverenciosamente pela pena dos historiographos. E d'esses mesmos a quem se ergueu uma peanha no templo da Memoria, muitos são os que cobre implacavel a campa rasa do olvido. Dormem, envoltos no ouropel de uma nomeada mais que equivoca, um sonho que já agora não será interrompido. A traça bem depressa abriu o seu tortuoso caminho atravez dos livros pulverulentos que buscaram salvar-os do despotismo da morte.

Onde os famosos quereriam sobreviver era nas suas instituições, nos seus

systemas, sobretudo nos cultos e no amor dos humanos.

Porém as instituições religiosas de Zoroastro e Confucio, de Brahma e Mahomet só remanecem no culto de povos condemnados a uma perpetua infancia senil, nunca precedida do vigor intellectual de uma idade adulta; munnias de povos, onde não circula a seiva evolutiva d'esta humanidade europêa que de seculo para seculo se transmonta a novos e mais radiosos progressos, sob a lei social do *ascende superius* que a opprime, que é a sua divisa suprema, a sua faina incessante, o seu brasão de gloria. Passaram as legislações de Licurgo e Solon, o Direito antiliberal do povo-rei, a organização politica dos governos absolutos. E do alto da arvore da sciencia foram-se a pouco e pouco despegando, como folhas outomniças, destinadas a juncar e adubar o solo para novas germinações, os systemas philosophicos das escholas jonica, italica, eleatica, platonica, peripatetica, cynica, estoica, epicureia, alexandrina, etc.; outras tantas soluções cosmologicas e metaphysicas que só prestaram para demonstrar a impotencia da razão humana em delectar o livro mysterioso do Universo e em fixar-se definitivamente no espirito da humanidade.

O mundo não subsiste pela *agua* de Thales, nem pelo *ar* de Anaximenes, nem pelas *homoiomerias* de Anaxagoras, nem pela *musica das espheras* de Pythagoras, nem pelo *fogo* de Heraclito, nem pelos *typos eternos* de Platão. Quaesquer d'essas theorias, depois de terem fructeado alguns sectarios, foram reunir-se com mestres e discipulos, ás camadas sotopostas dos fosséis scientificos. Sorvem de lazer util a eruditos.

Identica sorte soffreram os doutrina-rios da philosophia moderna, Descartes e o seu systema da *duvida*, Spinoza e o seu *emanatismo*, Malebranche e a sua *visão universal em Deus*, Locke e o seu *empirismo*, Hume e a sua *negação systematica*, Kant e a sua *critica da razão pura*, Fichte e o seu *eu e não eu*, Jacobi e o seu *senso interno*, Hegel e o seu molde da *idéa* para tudo, Cousin e o seu sincretismo eclectico, Comte... não! Comte é o que actualmente está em scena, apresentado pela mão officiosa de Littré ao segundo meado do seculo XIX, credenceado por Haeckel e Spencer que lhe requintaram as theorias, festejado pelos amadores ruidosos da *«dernière nouveauté»*. Porém o positivismo contesco tem a pecha franceza de mentir ao programma. Na Alemanha já vai no occazo. Eichhoff cavou-lhe a valla. Será a França, fiel pedissequa da Alemanha scientifica a primeira que lhe celebrará o anniversario do ent-terro.

Jesus Christo é sempre actual na hu-

manidade. Hosanna ao filho de David e ao Unigenito de Deus! N'elle até o tumulto se lhe tornou em segundo berço, gerando-o a uma vida immortal. Só no Christo a gloria assentou o seu throno, aureolando-o da plenitude dos seus esplendores immarcesciveis. Permanece de pé o seu nome, e a sua obra, a sua doutrina, o seu culto e o seu amor, fecundo de heroismos como o é de seiva o seio ubertoso e inagotavel da mãe natureza. A Historia inscreveu a data do seu nascimento mas não poderá nunca cerrar sobre seu feretro a lapide mortuaria e inscrever n'ella o epitaphio que se consagra aos vencidos do tempo. N'elle, por elle e d'elle tem vivido dezenove seculos.

O seu Evangelho constitue o fundo da moral das nações modernas e dos seus mesmos codigos politicos, a despeito das intercalações cavadas pelo alvião das revoluções. Que monta que a heresia de braço dado com o scisma e o racionalismo absoluto tenham differido mil golpes para derrocar o pedestal que o sustenta acima da planura de todos os grandes? Nem ao menos lhe esboreinaram o bordo. Não tombou por ora uma podra sequer dos dogmas por elle revelados, e ao mesmo passo que todas as pretensas theophanias empallidecem perante o desenvolvimento progressivo da razão e da sociedade, a theophania de Jesus está sempre «perante o seculo» e as scintillações de ambos reciprocamente se reflectem.

Não ha nação nem cidade culta onde não reponte sobre a crista dos templos o lábaro da cruz, esendo d'armas dos povos christãos e symbolo da liberdade que os emancipou a progo de sangue.

Jesus Christo é mais e muito mais que um nome, porque é a alma das nações contemporaneas, embora ellas o desconheçam, porque é o fundo do magestoso quadro da Historia, onde reverbera a sua divina personalidade, preparada ou consummada e influente, porque é a chave da abóbada social d'aquem da cruz, a inspiração das mais benemeritas instituições com que se honra a humanidade, o odio de não poucos, o remorse de muitos, a adhesão de immentos, o culto ostreinoído de nossos corações que por elle vibram com mais energia que por nenhum outro amor, e o Deus vivo de nossos altares. Se carecessemos de comprovar este facto, desamparelhado na Historia, e offuscante de evidencia, se quizessemos descer á demonstração ociosa da perpetua actualidade da gloria de Jesus, não evocaríamos o sangue de milhões de martyres, que não cessa de escoar-se com a vida dos que o confessam desde a Cochinchina pagã até á Paris communista (preito de creança e amor que nenhum outro personagem pode attribuir-se,

a dois mil annos de distancia), bastar-nos-hia a guerra hodierna, enorme, sem tregoas com que a Revolução, pretendendo a todo o transe supprimil-o, tanto mais affirma o seu triumpho sobre o tempo. Não se persegue um morto.

Ainda uma vez saboreamos o prazer de commemorar o anniversario do seu nascimento: benedicto o que vem em nome do Senhor! Festa de religião e festa de familia. O seu encanto aviva o brilho do templo e aquece o lar. E' uma primavera florida no coração do inverno. O Natal constitue uma das raras alegrias do homem que tem em si alguma cousa de infinito, porque se lhe não mistura nada do que a pode toldar. Quem não sorrirá com uma jubilação infinda a uma creança que nos sorri o que, sendo nosso Deus, se diz nosso irmão?

Acercemo-nos, pois, do seu presepio ao chamamento da Igreja e levantemo-nos, confortados pela virtude e pelo sorriso de Jesus, dos profundos enojos que nos provoca uma epocha lançada, a grande velocidade, á mais desoladora revelia. Suspendendo e mesmo banindo as luctuosas reflexões que nos inspira o espectáculo de uma sociedade que na sua materialisação vê o seu unico ideal, saudamos activos o Natal do Divino Infante, como a era que inaugurou a restauração definitiva do homem e da humanidade.

D'entre os nimbos carregados que se acastellam no horisonte, vemos sempre despontar sereno e formoso o arrebol n'este dia e retempera-nos de coragem para os certames da vida o eco d'essa voz angelica que rediz ainda e redirá aos nossos ouvidos christãos a promessa auspiciosa, entornada um dia das regiões do infinito sobre um novo mundo, como um rocio benefico: «Gloria a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade.»

P.º SENNA FREITAS.

## Secção Religiosa

### TRIUMPHO DOS PROSCRIPTOS EM FRANÇA

(Continuação)

A pusilanimidade dos catholicos francezes não nasce só do temor dos perigos materiaes aos quaes esta luta os expunha, mas muito mais d'um principio falso, o *respeito ás leis*. Nunca chegamos a entender como uma lei evidentemente injusta possa ser uma lei que mereça acatamento e obediencia; um assassino vestido de policia, ou com as insignias do magistrado, não é um verdadeiro magistrado, nem tem direito de

prender as pessoas honestas. Se esta falsa idéa da auctoridade não fosse tão espalhada, não teriamos visto funcionarios, aliás honestos, prestarem-se á execução de medidas iniquas decretadas contra os Religiosos pela Franc-Maçonaria governamental, e persuadiram-se que deixavam de ser responsáveis d'esta injustiça, só porque lhes tinha sido imposta por um decreto, e não já mandava por um tumulto popular. E' evidente porem que a injustiça é sempre injustiça, e que quando se mascara com o sagrado traje d'uma lei, se torna mais criminosa. O dever do christão e de todo o homem de bem, em presença de tão sacrilega falsificação, era arrancar a mascara á injustiça e bradar: *Não, tu não és a lei!*

Eis a grande lição que deram os Religiosos á França. Quanto se mostraram todos e sempre respeitadores da lei do seu paiz, tanto se encontraram unidos em negar a obediencia aos decretos que violavam nas suas pessoas, os direitos essenciaes que a lei tem por dever proteger. Não podiam empregar palavras mais eloquentes para vingar a lei da affronta que lhe queriam indignar os que estavam encarregados de a defender, tomando o seu traje sagrado afim de revestir com elle a injustiça.

E esta grande lição já produziu seus fructos. Os homens, que se podiam suppôr mais dominados pelo prestigio da falsa legalidade, os magistrados escolhidos d'um modo especial pelos auctores da perseguição para serem d'ella os instrumentos, recusaram corajosamente aquella obediencia cega, que d'elles esperavam. Viram-se, cousa inaudita! em numero de 180 (1) cortar suas carreiras, sacrificar as vantagens com tanto custo adquiridas, tolher o seu futuro e de suas familias, para não serem constrangidos a executar uns decretos, que não tinham de lei senão a apparencia. Assim traduziram em factos, com actos mais significativos que as palavras, a generosa confissão dos Apostolos: «Importa mais obedecer a Deus e á consciencia, do que ás prescripções dos homens e ás exigencias da iniquidade triumphante.»

Não menos desinteressados que os delegados do ministerio publico, e portanto pouco suspeitos de parcialidade a favor dos Religiosos, os tribunaes foram ainda mais unanimes na defeza do direito e por isso na censura implicita á iniquidade governamental. Em seguida á consulta de M. Rousse veiu a memoria mais frizante ainda, se fosse possível, de M. Demolombo, decano da faculdade de direito de Caen, e universalmente reconhecido como a mais alta auctoridade juridica da França. As con-

clusões d'estas memorias foram corroboradas pela adhesão de mais de 220 tribunaes sobre 350. Em muitos, e nos mais importantes, esta adhesão foi quasi unanime, maxime em Lyon, onde todos os membros do Conselho, salvo dous, se collocaram á testa d'esta lista. Em muitos outros igualmente consideraveis, a maioria dos advogados adheriu.

Ainda que muitos tribunaes não tenham toda a importancia por terem somente uma vara, contudo achamos entre os que adheriram 284 juizes effectivos. Até 20 de julho o numero das adhesões chega a 1624. (1) D'esta maneira o direito dos Religiosos teve a seu favor o suffragio perfeitamente espontaneo de 1624 homens de lei, estranhos aos partidos, esclarecidos com longos estudos, e animados do unico interesse da justiça; enquanto pelo contrario a tyrannia não pode invocar outra auctoridade senão a de 338 Deputados, estranhos ordinariamente na sua maioria a toda a sciencia juridica, mas todos ligados a algum partido. Este contraste de per si não é já um triumpho para os opprimidos, e vergonhosa lerrota para os oppressores?

A magistratura inamovivel não se mostrou inferior aos tribunaes, na corajosa affirmacão da sua independencia, nem mesmo na exposição e defeza da verdadeira legalidade. A unanimidade lo testemunho que deu a favor do direito opprimido, forma a terceira vantagem do mais alto valor conquistado pela perseguição. Antes que o crime fosse perpetrado, podiamos, é verdade, proclamar os principios, denunciar ao mundo a tyrannia revolucionaria, e appellar para a opinião publica; mas pleitando pela nossa causa não podiamos fallar com a mesma auctoridade. Uma vez porém executada a iniquidade, fomos permittido levar a nossa causa aos tribunaes e citar para o hanco dos reus os nossos oppressores. Graças a Deus a Revolução não teve ainda tempo, de «purificar» bastante a magistratura para a tornar surda á voz da justiça. Por isso que aconteceu? Todos os tribunaes, salvo uma ou duas excepções insignificantes, deram sentenças favoraveis, embora não definitivas, aos direitos dos Religiosos. Todos affirmaram a sua competencia negada pelo governo; e muitos julgando a causa no amago, estabeleceram com razões peremptorias a opposição absoluta entre a conducta dos agentes do poder e os primeiros principios da legalidade. E é por isso sobretudo que o triumpho moral dos proscriptos é glorioso, e que a derrota dos

oppressores não podia ser mais ignominiosa.

Quando na discussão do senado, os defensores da nossa causa tinham negado a realidade das leis que se diziam existentes, o ministro respondia: «os tribunaes decidirão.»

E eis que hoje os tribunaes regularmente encarregados do negocio, decidem unanimemente que os violadores da lei certamente existentes, são os proprios ministros e seus agentes!

Violaram primeiro o principio fundamental da divisão dos poderes, conforme o qual a interpretação das leis pertence não já ao poder administrativo, mas á magistratura. O poder legislativo faz as leis; o poder judicial as interpreta e as applica; o poder administrativo as executa. Trocar esta ordem e permittir ao poder administrativo, que tem a força na mão, abusar d'ella para interpretar as leis a seu belprazer, é destruir a constituição do Estado, e tirar aos direitos dos cidadãos a sua principal salvaguarda.

Tal é o primeiro attentado de que se tornaram culpaveis os que sem julgamento, se arrogaram o direito de applicar as leis aos Religiosos, sobre o sentido e existencia dos quaes as mais graves auctoridades legislativas tinham dado o seu *verdictum*.

Violaram outro principio fundamental, — aquelle segundo o qual ninguém pode ser punido por um crime, que se não tenha provado por um julgamento contradictorio. Supposto mesmo que a filiação n'uma congregação não auctorizada seja um crime, esse crime seria maior e mais horrendo que o do roubo ou do assassinato? Ora, todo o mundo civilisado se levantaria se um ministro ou um perfeito se quizesse arrogar o direito de fazer executar sem julgamento um homem que se presumisse culpado de assassino; e por approvação de todos, mereceria elle mesmo ser castigado como homicida. Como é pois que se abalançaram as nossas auctoridades policiaes e administrativas a invadir as casas religiosas e deitar á rua os seus moradores, dos quaes muitos eram desconhecidos, sem procurarem ao mesmo tempo provar-lhes que eram reus do pretendido delicto de affiliação? E' evidente que entre as victimas de tal violencia, havia muitos que não eram afiliados, porque não tinham feito os votos: muitos não tinham chegado á sua maioridade; estavam nas casas onde os tinha collocado a auctoridade paternal. Todos foram lançados á rua sem exame, sem discussão. Que se pode achar de mais arbitrario e mais contrario aos principios que formam a base do nosso direito publico e particular?

(1) Pareco que já chegou a cerca de 2000, —coisa nunca vista em França, nem talvez fóra de França.

(1) Hoje são muitos mais.

(Continúa).

P.º H. RAMIÈRE.

## A SANTA SÉ E O GOVERNO BELGA

(Continuação)

Na Belgica, ao passo que dá asylo a todo o malfeitor, o nega aos religiosos expulsos da França; em nome da liberdade obriga aos pais a deixar assassinar a alma dos proprios filhos com as escolas athéas; em nome da tolerancia expulsa o Nuncio da Santa Sé, sómente porque este não quer trahir sua missão divina e cooperar para as ciladas dos sectarios contra o povo catholico. E para provar que o governo Belga tudo faz em nome e sob a direcção da Maçonaria, basta examinar seu procedimento e os miseraveis pretextos que trouxe á publicidade para desculpar as violencias indignas até da civilização moderna, e recordar certos factos que esclarecem o assumpto.

Temos presente o livrinho maçónico: *Almanach do pedreiro livre*, publicado pelas lojas milanozas, *La Ragione*, e a *Cisalpina*, cujo collaborador é tambem o advogado del Bret, Sapião Ronchetti. Pois bem, na pagina 37 do septimo anno, 1878 (relativamente aos factos de 1877) lemos as seguintes noticias da Maçonaria belga.

«Reina sincera paz entre o Supremo Conselho e o Grande Oriente.

«Existem na Belgica 16 lojas, sendo 2 em Bruxellas, contando só estas 100 irmãos.

«O Grande Oriente da Belgica abre concursos annuaes para as melhores obras sobre themas que elle propõe para instrução dos irmãos.

«Para 10 de Março de 1878 as questões propostas são:

I. Quaes são as armas de que pôde servir-se a Maçonaria contra o ultramontanismo.

II. Compilação de um catechismo liberal que contenha um elenco popular dos principios do liberalismo.

III. Apresentação d'um projecto pratico para a applicação da instrução leiga gratuita e obrigatoria na Belgica.

Muito bem! A Maçonaria portanto mandava em 1877 estudar os modos de aggreddir a Igreja Catholica; já se vê que ella queria combater a todo o transe a Igreja. A Maçonaria mandava estudar a applicação da instrução leiga. Por conseguinte queria banir Deus das escolas, deschristianisar o povo, logo que os sequazes d'ella chegassem ao poder.

Tomaram os maçons as redeas do governo, e acharam dadas as ordens: — guerra á Igreja, guerra sobretudo á educação christã. Os governos dos maçons executaram as ordens maçonicas. Far-se-hia igualmente o que está feito se outro fôra o modo de proceder do Pontifice, da Igreja e do Nuncio.

Guerra á Igreja, educação antichristã. Taes eram as ordens dadas pela seita, taes eram portanto os projectos que o governo queria ver executados, custasse o que custasse.

A Belgica é catholica: pois bem, os maçons abusando da força querem arrancar sua fé, e para isso começam por envenenar a educação affirmando por este modo liberal-a da influencia do inimigo mais cruel, o clero. Este é o fim ha pouco confessado pelo proprio franco-maçõ Vander Taaler.

O Episcopado Belga levantou a voz contra tão iniquo projecto; aquella voz porém era para os maçons, enfadonha: queriam suffocal-a, até ousaram pretender como cumplice a propria Igreja. Mas a Igreja soffre, ora, não se affasta da verdade; e ahí estão os maçons denunciando-a como inimiga do genero humano, despedindo os seus representantes, accusando-a até dos delictos que os sectarios perpetraram contra ella. Este é o segredo, e para melhor dizer, já não é mais segredo, dos ultimos acontecimentos da Belgica. E o Nord de Bruxellas, o defensor de toda a tyrannia, se atreve a escrever que a culpa de tudo isso é «a deploravel politica da Santa Sé.» Ah! os inimigos da Igreja que já mais se fartam de atormentar a victima, querem alem d'isso diffamal-a.»

E' certo: mas «a verdade, apezar de coxa, sempre chega», diz o adagio. Estamol-o vendo no presente caso.

J. J.

## Secção Scientifica

## O HOMEM-MACACO

(Continuação)

Não ha questão, por ardua e escabrosa, que o espirito humano não venha, levado do insaciavel desejo de revelar os segredos que a natureza com mão avara nos occulta.

E se é louvavel este empenho da razão em descobrir as causas segundas dos differentes phenomenos e factos naturaes, não é menos digno de elogio o homem que, depois de aturado estudo e profundas locubrações, vendo-se na impotencia de dar a esses phenomenos e factos uma explicação rasoavel, sinceramente confessa: *não sei*.

Tal me parece a resposta que a sciencia, sem a revelação, deveria dar ao problema da origem do homem.

E' verdade que certos sabios são orgulhosos de mais para fazerem d'estas ingenuas confissões; outros obedecendo a idéas preconcebidas e systematicas não recuam perante as mais absurdas consequencias; a outros é o odio satânico ao christianismo que os leva a abra-

çar theorias puramente hypotheticas e imaginarias; outros finalmente só accetam o que pode ser rigorosamente demonstrado. Alguns exemplos:

Quatrefages, o sabio congressista que ha pouco tivemos occasião de ver entre nós, faz esta pergunta:

«Sem sabirmos do dominio exclusivamente scientifico, isto é, apoiando-nos no que ensinam a experiencia e a observação, é possivel explicar a apparição, sobre o nosso globo, do ser (o homem) que por si só fórma um reino?»

E o illustre naturalista, membro do instituto e da academia, responde com um redondo não.

Schaafhausen, porém, outro sabio congressista, (por que todos elles eram sabios) diz:

«O conhecimento da verdadeira origem do homem é para as concepções humanas uma descoberta tão fertil em consequencias, que um dia este resultado será tido, seguramente, como o maior que foi dado ao homem attingir.»

«O typo especifico (diz André Sanson, outro sabio livre pensador,) é ainda hoje o que era ha vinte, trinta, quarenta, cincoenta seculos e mais. Que razão tenho eu para duvidar que não foi assim desde a sua origem?»

Mas vem logo outro sabio o Dr. Buchner e com a maior silauca assevera que «entre todos os progressos do espirito humano devemos collocar em primeira linha o da descoberta da origem natural (animal ou simiana) do homem.»

E Darwin, por honra da firma e a contento de Mme. Royer, não o deixa mentir, assegurando que «os primeiros antepassados do homem eram cobertos de pellos; os dous sexos usavam barba; as suas orelhas (d'elle) eram ponteagudas e moveis; e tinham uma cauda movida por musculos proprios.»

Mas Virchow, talvez o mais auctorizado congressista que visitou este jardim da Europa, não se arreccia d'affirmar que «a theoria da descendencia é uma hypothese não provada;» e que «o plano da organização é immutavel na especie;» o que levou Haeckel a dizer que Virchow era impossivel exprimir mais claramente, d'accordo com os defensores da criação e das causas finaes, que cada especie possui um plano de estrutura constante e especifico.

E como estes, tantissimos outros.

Este ser e não ser, estas affirmações absolutas e negações formaes, que dividem os sabios em campos oppostos sobre um mesmo assumpto, são para mim a prova mais evidente de que a questão do transformismo e em especial a da origem do homem são verdadeiros problemas, de cujas incognitas a sciencia ignora completamente os valores. Era, pois, natural que, enquanto os hierophantes do saber se degladiam,

nós, simples mortaes, nos abstivessemos de entrar na liça, conservando-nos simples espectadores.

A contenda, porém, tem levantado muito pó, e como é com elle que os *animalculos* da sciencia nos atiram às faces, é tambem natural e justo que o sacudamos, porque somos amigos da limpeza na alma e no corpo.

E antes de tudo nada de ficções, de sonhos.—*factu non verba.*

Factos e mais factos; porque a sciencia positiva só vive da observação e da experiencia.

Venha o homem-macaco, appareça o animal pithecoide, mostre a respeitavel cauda esse digno precursor d'alguns sabios; que eu desejo conhecer esse benemerito antepassado.

Mas que, escavações e mais escavações, terrenos movidos e removidos, o globo percorrido e estudado em toda a sua superficie e n'uma parte da sua crusta, e o homem-macaco quem o viu?

Pois esta ingrata terra que conservou tão perfeitamente no estado fossil as especies extinctas, porque não conservou tambem pelo menos um dente d'esse ratão?

—Um dente! Que importancia tinha um dente?

Esta admiração e interrogação só a pode fazer quem fôr completamente ignorante dos processos da novissima sciencia pre-historica e até da historia contemporanea. Poucos desconhecerao que foi à queda d'um dente do snr. Fontes que se attribuiu a queda d'um ministério.

—Com que então nem um dente?!

E' certo, mas a razão é o estado extraordinariamente incompleto dos archivos paleontologicos da creação.

Adiante pois.

Mas antes de entrar no meu sujeito permittam-me os amaveis leitores ainda uma pequena digressão.

O velho epicurista Horacio, que desconhecia a geologia, a paleontologia, a archeologia pre-historica, a anathomia, a embryologia, a physiologia e *tutti quanti* têm sido remexido para provar a existencia do homem-macaco, descreve-nos os primeiros homens, rebanho mudo e sordido (*mutum et turpe pecus*), sahindo da terra e andando de rastos, lutando por causa de bolotas ou d'uma cova (*glandem atque cubilia propter*) ao principio com as unhas e ao sóco (*unguibus et pugnis*) depois a cacete (*dein fustibus*) e finalmente com armas que a experiencia lhes ensinou a fabricar; até que acharam vocabulos e palavras com que manifestaram as suas idéas e sensações.

Ora, esta pintura do homem no estado de transição, feita pelo amigo de Mecenias, em nada differe da que os mestres Darwin e Haeckel nos têm dado

do homem pithecoide; logo onde está a tão encomiada conquista do pensamento moderno se ha desenove seculos o venusino linha feito a grande descoberta?

E já agora saibamos a razão d'esta uniformidade de pensar entre os *sabios* presentes, preteritos e futuros.

Creio não irá muito longe da verdade quem afirmar que a philosophia materialista leva sempre às mesmas conclusões. A terra lhes seja leve, já que tanto a adoram.

(*Continúa*)

P.º F. SANCHES.

**O artigo 7.º diante da razão e do bom senso, ou as contradicções do snr. Julio Ferry.**

*Pelo Rev.º Padre Felix*

SEGUNDA CARTA

**O artigo 7.º e o direito da familia**  
(*Continuação*)

Eu bem sei, Snr. Ministro, que a Revolução da qual vos tendes por filho, repudia o *divino*. O divino constrange-a, irrita-a, e de boa vontade ella o riscaria de toda a parte, para não ver em toda a parte mais que o natural e o humano. Mas se não podeis comprehender o que é directamente de Deus, o divino, podeis ao menos comprehender o que é directamente da natureza, isto é, o *natural*. Pois bem! mesmo n'este ponto de vista que é exclusivamente o vosso, o direito paternal encerra ainda aos nossos olhos uma grandeza excepcional.

Este direito, na melhor e na mais estricta significação d'esta palavra, é um direito rigorosamente natural. Ha direitos que nascem de simples convenções: são o resultado de contractos livres e de transacções voluntarias; o direito do pae de familia é independente de toda a convenção; é um direito de natureza, procede da essencia e da propria natureza da paternidade, e de tal sorte se prende e identifica com a paternidade que não só, não ha sobre a terra homem algum que possa supprimil-o, mas nem o proprio pae, ainda que quizesse, poderia renunciá-lo.

Por tudo isto, é facil comprehender, Snr. Ministro, como este direito paternal tem caracteres verdadeiramente *reservados* e como, salvo o direito de Deus de quem deriva e o direito da Igreja ao qual é subordinado, este direito, seja qual fôr o nome com que queiraes designal-o, *divino* ou simplesmente *natural*, domina todos os outros direitos de uma ordem puramente humana. Na esphera onde elle deve exercer-se, queiro dizer, no reino domestico, este direito é um direito verdadeiramente su-

perior a todo o direito humano; e se para honra e conservação da cousa publica, o pae pode ter o dever e a obrigação de o pôr, consigo mesmo, ao serviço da patria, porque ao mesmo tempo que é pae é cidadão; nas cousas proprias da familia e designadamente na educação que é a grande cousa do lar domestico, o direito do pae é um direito superior e não recearemos accrescentar: é um direito soberano. A realza ou a auctoridade do pae na esphera da vida domestica não é sómente a mais legitima e a mais natural das auctoridades, é ainda, a auctoridade a mais verdadeiramente soberana, isto é, uma auctoridade que vista do lado da terra e da humanidade não depende de nenhuma outra auctoridade, vista do lado do Céu e de Deus auctor de toda a verdadeira soberania, esta auctoridade vassala e dependente da auctoridade divina permanece diante de toda a humana auctoridade, verdadeiramente soberana e como tal soberanamente livre e independente; e á omnipotencia humana que quer invadir o lar domestico, o pae investido de sua soberana auctoridade e de pé sobre o limiar de sua casa, pode, sem ultrapassar os limites do seu direito, responder ao invasor: Parae! O senhor, aqui, sou eu; eu a quem Deus collocou aqui para governar e administrar o reino que recebi de sua soberania; eu que tenho de minha propria paternidade o dever e com o dever o direito, o direito pessoal e exclusivo de governar, de administrar, de defender e de proteger estes subditos que eu chamo meus filhos e que são por auctoridade de Deus e por lei da natureza meus *subditos* porque são meus *filhos*.

D'esta arte, a realza paternal escapa por sua natureza e por sua propria essencia á dominação de toda a auctoridade creada e puramente humana. Ella traz consigo mesma e em si mesma o inegavel direito que deriva de sua propria constituição.

E da mesma sorte que são inegaveis e absolutamente certos, estes direitos são, como a auctoridade que os engendra, absolutamente imprescriptiveis. Contra direitos adquiridos existem direitos que podem chamar-se accidentaes, leis de prescripção. Estas leis, em um certo sentido fazem caducar o direito, ou pelo menos, segundo a indicação do seu proprio nome, prescrevem contra o direito. Estes direitos adquiridos em tal ou tal hora do tempo soffrem tambem pela sua parte, o imperio do tempo; e sahidos de convenções humanas, e de transacções civis soffrem a lei das sociedades humanas e dos governos civis. O direito do pae de familia escapa a esta lei que rege e domina os outros direitos e juntamente, com a auctoridade de que nasceu, é absoluta e rigorosamente impres-

criptível. Tal governo de tal sociedade, tal ministro de tal governo poderá tentar opprimir este direito, e o poder da força posto ao serviço da usurpação poderá permittir-lhe, ao menos na apparencia, que seja bem succedido. Mas a oppressão não é a prescripção; e depois da passagem de todas as oppressões da força ou de todas as confiscações da lei, o direito paternal torna a encontrar-se tão verdadeiro, tão legitimo, tão soberano, tão imprescriptível e, accrescentemos, tão vivo, mais vivo ainda do que parecera d'antes; porque este direito não pode morrer, elle é verdadeiramente immortal.

Assim como todas as cousas intimas e profundas da natureza humana, este direito pode parecer-nos algumas vezes adormecido e muitas vezes tambem poderia crer-se, á vista do silencio que elle guarda no sanctuario da consciencia, que a propria paternidade tem perdido d'elle a convicção e o sentimento. E que necessidade tinha este direito de cuidar em affirmar-se e defender-se quando nada o contesta e quando ninguém o aggride?

Mas esperae: que um homem de Estado annuncie publicamente a intenção de o apoucar, de o restringir e sobre tudo, de o supprimir; então este direito acorda repentinamente ao estrondo da invasão que o ameaça e do intimo de milhões de corações se desentranha e grita affirmando-se: Eis-me aqui? Vós me julgaveis morto e eu estou vivo; vós pensaveis poder suffocar-me sob os apertos de vossas leis ou sob as oppressões de vosso poder, enganastes-vos. Podeis encadear-me, podeis comprimir-me, mas não me podeis matar por que eu sou immortal.

Tal é, snr. Ministro, considerado em si mesmo e em sua natureza propria, este direito paternal com o qual haveis travado a lucta mais inopportuna e mais verdadeiramente perniciosa que poderia imaginar-se, assim para a familia como para o proprio Estado. E com todos estes caracteres que o distinguem ha um outro que eu não quero omitir e que o mostra a uma luz ainda mais viva: eu quero fallar da anterioridade racional e historica d'este direito puramente civil, politico e social.

De certo ha-de agradar ao snr. Ministro o elevar-se até ás origens e o penetrar no amago das coisas. Elle nos concederá então de boa vontade que a familia é racional e chronologicamente anterior a isto que chamamos a sociedade. Não é a sociedade que precede e cria as familias; são as familias que precedem e criam a sociedade, e com a sociedade o Estado. Nós estamos aqui na plena luz da evidencia e á claridade d'esta evidencia vemos bem o que exige a força e a propria natureza das cou-

sas, e vem a ser, que antes de concebemos a existencia dos Estados, concebamos a existencia das familias e que a constituição da sociedade domestica seja racionalmente anterior á constituição da sociedade publica. Por tanto, o pae, senhor soberano e regulador da familia, tem direitos anteriores a todo e qualquer direito que em nome da sociedade publica possa ser reivindicado pelos Estados. Ha no direito paternal uma prioridade de razões e de natureza que é impossivel não ser vista. A familia é creada e na familia o pae, seu chefe natural é investido de todos os seus direitos, antes que um Estado qualquer pudesse mesmo ser concebido: eis aqui o que dizem a razão e o bom senso acerca da prioridade logica e racional do direito paternal e do direito social.

E por ventura o que é demonstrado pela razão e exigido pela natureza, não será universalmente demonstrado pela historia? haverá quem diga que a familia não tem por toda a parte precedido a constituição dos Estados e que a sociedade domestica não tem precedido a sociedade publica? E o que é isso que podeis chamar Estado ou governo se não é a constituição de uma força central consentida e admittida pelas familias já constituídas para ser ao mesmo tempo sua defeza e sua protecção comnum? Como se ha-de negar então a anterioridade dos direitos do chefe da familia sobre os direitos da sociedade e do Estado, em tudo aquillo que se refere ao governo intimo da sociedade domestica? — Seja! dirá Vossa Excellencia, eu admitto, se quizerdes, nos paes de familia estes direitos primordiaes, com a origem, os caracteres e a extensão que lhe attribuis; mas que prova isso contra os meus projectos de lei e designadamente contra o meu artigo 7.º?

— Muito, snr. Ministro; mais que muito, isto prova tudo. Admittir estas verdades fundamentaes sobre as quaes assenta como sobre um granito inabalavel, o direito paternal é, quer queiram, quer não queiram, reconhecer que o artigo 7.º tirando ao pae de familia a liberdade de escolher como lhe convem o instituidor de seus filhos, é um attentado contra o direito paternal. Vós reconheceis, sentis-vos forçado a reconhecer que o pae, em quanto que pae, é na familia o senhor, o soberano, a auctoridade; e como deixaria de ser-o, pois que diante de seus proprios filhos é elle auctor com o proprio Deus? Dignar-se-ha notar, o snr. Ministro, que auctoridade vem de auctor e que, por consequente, o pae que é auctor tem em frente de seus filhos, juntamente com a auctoridade o direito que provem e que deriva do auctor?

Então como é possivel negar-se sem uma contradicção monstruosa que, em

tudo aquillo que mais directamente se refere á formação de seus proprios filhos, quero dizer, ao ensino e á educação, o pae é o senhor, o unico senhor, o senhor soberano, e que só a elle, no caso de não poder desempenhar-se do seu encargo, pertence delegar o seu direito paternal e procurar um substituto e, se ousou dizel-o, um vigario de seu amor e de sua auctoridade? E se o pae tem este direito inherente á sua mesma paternidade, como é possivel conceber-se que contra este direito exista outro direito? (Continua)

## Secção Critica

### UM MAU LIVRO DE HISTORIA

(Continuação)

N'estes casos ás penas, que as leis applicam, não compete o nome de perseguição. É antes uma justiça respeitavel e regulada pela sabedoria, a necessidade, o zelo do bem publico; o contrario seria abrir a porta a todos os crimes.

É verdade que, como se abusa de tudo, pode-se tambem abusar da força e do poder que dão as leis. Pode-se abusar da auctoridade, como abusaram os Neros e outros imperadores gentios, inimigos encarniçados do nome christão. Os edictos e rescriptos d'esses imperadores contra os christãos foram dictados pelo odio e injustos porque impunham penas a innocentes e a cidadãos presstantes e serviçaes. Foram pois verdadeiras perseguições as torturas horripaveis que os christãos supportaram durante tres seculos: porem o sur. Doria, á imitação de Voltaire e dos protestantes, confunde tudo, o justo com o injusto, o direito com a violencia, o legitimo com o illegitimo: desfigura e altera impudentemente os factos, os motivos, as razões de necessidade ou de conveniencia.

Os principes christãos viram-se muitas vezes obrigados a punir os attentados dos hereges, que em todos os tempos teem prégado tolerancia quando são fracos, e teem-se tornado perseguidores crueis quando são fortes, e até quando imaginam que teem força.

Muitas vezes os hereges aggrederam os catholicos que usaram de seu legitimo direito defendendo-se da injusta aggressão: porque desenganemo-nos o erro é injusto e cruel. Muitas vezes os hereges se levantaram contra os chefes das nações, que usando de seu legitimo direito cohibiram sua audacia e seus desaforos e puniram justissimamente seus crimes.

Porem as penas justissimas com que os soberanos puniram por muitas vezes os attentados dos hereges, que são es-

encialmente revolucionarios, injustos e perturbadores da tranquillidade publica, tem acaso alguma comparação com as perseguições atrozes que o paganismo injustissimamente fez soffrer aos christãos durante tres seculos?! Não, mil vezes não.

O snr. Doria é um calumniador quando affirma que o *Christianismo serviu de pretexto e motivo para perseguições tão atrozes como aquellas que veio terminar.*

Ouçamos ainda este senhor:

«Os auctores d'estas atrocidades foram aquelles homeus, que suppunham que o verdadeiro christianismo só consistia na intolerancia a mais rigida.» O verdadeiro christianismo, que o snr. Doria não conhece, manda e exige que todos cumpram suas obrigações e é obrigação dos que governam punir os crimes. E' a esta punição que o snr. Doria chama *intolerancia a mais rigida?*

Bergier fallando da *intolerancia* diz que não ha palavra de que mais se tenha abusado, nem que tenha dado logar a maior numero de sophismas e de contradicções. A maior parte d'aquelles que tem declamado contra a intolerancia dizem que é uma paixão feroz que leva a odiar e a perseguir aquelles que estão no erro, a exercer todas as sortes de violencias contra aquelles que não pensam, como nós ácerca de Deus e de seu culto. Para justificar esta definição, continua Bergier, deveriam citar ao menos um exemplo de gente perseguida precisamente por terem sentimentos particulares (1) ácerca de Deus e de seu culto, sem terem por outra parte transgredido as leis. Conhecemos um só, é o dos primeiros christãos.»

Os primeiros christãos, como diz Bergier, não transgrediram as leis do Imperio, pois essas leis toleravam todos os cultos; e o Imperio só fez guerra, guerra injusta, atroz, horrivel e tenaz ao culto do verdadeiro Deus.

E' verdade que em qualquer estado aonde domine uma religião falsa, embora não haja liberdade de cultos, tem o catholicismo direito a reclamar e a obter, por todos os meios justos, essa liberdade, pois nenhuma potencia tem direito a oppôr-se a que se diffunda a verdade revelada.

Quando Jesus Christo mandou os Apostolos prégar, não lhes disse que era mister a venia dos principes.

A verdade tem direito a ser espalhada e propagada: o erro é que não tem direitos: a verdade é o bem, e a verdade revelada é o bem por excellencia: o erro é o mal; e o erro em ma-

teria de religião é o mal por excellencia e fonte de immensos males. Por isso os paizes, que, como o nosso, tem a felicidade de possuírem a unidade religiosa, devem procurar com todo o cuidado conservar essa unidade, e tem direito a punir a audacia dos hereges quando procuram enganar os catholicos ignorantes, vendendo-lhes biblias falsas por verdadeiras, arrastando-os á apostasia, blasphemando publicamente de Deus e dos Santos, etc., etc.

Taes attentados, segundo a nossa legislação, não devem ficar impunes, porque somos um paiz eminentemente catholico, porque não queremos a perversão de nossos filhos, nem que se ponha em perigo a paz e tranquillidade publica e querer paz e tranquillidade, deixando impunes os attentados dos hereges, é o mesmo que querer apagar um incendio deitando-lhe polvora.

Não admira que os hereges chamem intolerancia á justa punição de seus crimes: pois qual é o criminoso que não reclama contra a justiça que o pune? E deixa-se acaso de punir o envenenador só porque grita contra a auctoridade que o pune? Não; pois como se consente que os hereges impunemente envenenem as intelligencias dos incautos com livros e discursos detestaveis? Não, taes attentados não devem ficar impunes.

Torneinos a ouvir o snr. Doria:

«Achamos a razão d'esta intolerancia, não no espirito da nova religião adoptada, mas antes nas desordenadas paixões dos seus sectarios (1). De feito todo o conquistador christão quiz que os povos conquistados abraçassem á força a sua crença.»

A Religião Catholica não se pode propriamente dizer *nova* porque antes da vinda de Jesus Christo os homens só podiam conseguir a eterna felicidade pelos merecimentos de Jesus Christo *ventura*, como depois da sua vinda só podemos salvar-nos pelos merecimentos da paixão e morte de Jesus Christo que já *veiu*. Os sacrificios da Antiga Lei figuravam o sacrificio do Calvario: depois d'este sacrificio, cessaram as figuras e temos o sacrificio da Missa, que é a reprodução real e representação do sacrificio do Calvario. Na Antiga Lei fallava Deus aos homens por meio dos Prophetas: depois da vinda de Jesus fallamos pela bocca dos Bispos, e principalmente pela bocca do Romano Pontifice que, por privilegio divino, tem o dom da infallibilidade no dogma e na moral e em tudo o que se relaciona com o dogma e com a moral.

(1) O catholicismo não é seita: o catholicismo é a unica religião verdadeira. Só um Voltairiano é que pode ter a coragem de chamar seita á religião catholica.

A Religião catholica portanto não se pode chamar *nova*, ainda remontando-nos ao tempo dos Apostolos.

Em quanto ao *espirito* da Religião catholica o snr. Doria não o conhece. Suas palavras patenteam sua crassa ignorancia a tal respeito.

Para conhecer o *espirito* do catholicismo é mister estudar as obras dos Santos Padres e dos theologos e apologistas catholicos: tem-nos estudado o snr. Doria? Que o digam os livros escriptos por s. exc.ª: n'ellos vé-se o discipulo de Voltaire: e Voltaire passou a vida a combater a verdade revelada por meio do sophisma e da calumnia; em quanto que os Santos Padres passaram a vida a defender e a esclarecer todo o genero de verdades já com as luzes da razão natural já com as luzes da revelação divina. O snr. Doria não é pois competente para nos dizer qual é o espirito do catholicismo. S. Paulo que certamente tinha um profundo conhecimento da Religião catholica nunca prégo a tolerancia como a entende Voltaire e seus discipulos: pelo contrario diz que todo o principe: *Non sine causa gladium portat*. Não, a espada não é só para vista, pois o chefe de qualquer nação deve punir toda a qualidade de malvados: *Vindex in iram ei, qui malum agit*, diz o mesmo S. Paulo.

Falla-nos o snr. Doria das *desordenadas paixões dos sectarios* (o emprego que aqui faz d'esta palavra é mais uma prova da sua ignorancia em materias religiosas) do catholicismo: para justificar esta asserção, isto é, para fazer crer que effectivamente essas paixões desordenadas existiram, diz-nos que *todo o conquistador christão quiz que os povos conquistados abraçassem á força a sua crença.*»

Será isto verdade? Para prova do que affirma o snr. Doria cita dous factos, mas a verdade é que esses factos nada provam porque são falsos.

Ouçamol-o:

(Continúa).

P.º Chrispim Cactano Ferreira Tavares.

## COISAS! COISAS!

■

O snr. T. de F. é teimoso; quer *coisas* e acabou-se! Eu já lhe disse que *—quem quer bolota, trepa—*; mas não ha fazel-o entrar na razão. Faz ouvidos de mercador, e d'ahi a pouco *dá-lhe-que-dá-lhe, cerra-que-cerra.*—«Venham coisas! Então quando manda *coisas*? Tudo *vac* bem, mas as *coisas promettidas* ainda não chegaram!»—Santa paciencia! Pois eu prometti lá *coisas* nenhuma? e as minhas *coisas* são lá *coisas*

(1) Os sentimentos particulares emquanto occultos não são nem podem ser puniveis: mas quando se patenteiam é outro caso.

que se promettam,—isto é, que se possa prometter? Se as tomo d'emprestimo, não vê que só por emprestimo m'as pode pedir?

Emfim, para o não aturar, dadas ou emprestadas, ahí vae uma mão cheia de coisas com que espero tapar-lhe a bocca... por uma temporada,—6 ou 8 semanas pelo menos. Lá as distribua, poupe ou prodigalise como entender.

Uma boa porção de jornacs liberangeiros queixa-se de o governo só ter lançado poeira com as portarias anti-jesuíticas, e o governo queixa-se de só terem os taes periodicos poeira lançado com as suas noticias falsas de «invasão.» D'este modo ficam pagos.—Poeiradores e empoeirados com suas mutuas queixas estão mesmo pedindo á gente que se ria d'elles.

Então já sabem que veio de França uma carregação — mas grande — de titulos honorificos, condecorações e outras fitinhas para os «membros portuguezes dos dous congressos» — o macaqueiro ou preadamitico (no querer de litteraria?) e o da moralisação (?) litteraria?

Quem mais chuchou foram jornalistas e empregados publicos. E digam lá que não foram bem empregados os QUARENTA contos de reis para comes e bebes á grande que sahiram das algibeiras do José povinho!

E assim se vão dando razões aos socialistas ou nihilistas que nos invadem por todos os lados, que crescem a olhos vistos e que ninguem é capaz de combater no campo das ideas senão os catholicos, — esses mesmos catholicos aborrecidos de morte pela burguezia liberanga mais ou menos gorda, que muito gosta de fitinhas e lantejoulas e que talvez muito em breve haja de pagar as favas, quando lhe pedirem contas os descamisados do quarto estado, a quem tanto auxilia por todos os modos e maneiras.

Acabamos de ler na *India Catholica* o seguinte, que nos não desagradou:

«Bispado de Cochim.—No collegio «Ornellas», de Tuticorim, tiveram lugar exames publicos de seus alumnos, ha já algumas semanas, e pelo seu resultado mui satisfactorio, concedeu o governo mais esta vez a subvenção de quasi 500 rupias. Um dos ornamentos d'esta missão está sendo este collegio, pelo seu progredimento, coroando successivamente a continua solicitude que lhe dispensa o seu fundador, o rdo. C. C. de Nazareth, vigario geral do bispado de Cochim e Cranganor, de cuja piedade, instrucção e caracter de verdadeiro ecclesiastico vimos com satisfação dar testemunho o illustre auctor

vimaranense do «*Liberalismo Desmascarado, por occasião de fazer n'essa obra menção do dito collegio, transcrevendo da «India Catholica uma equal noticia, respectiva aos exames do anno de 1877.»*

O trecho que agora vae lêr-se, e que merece archivar-se, é, se nos não enganamos, de uma correspondencia de Madrid enviada á *Palavra*, commentada pelo nosso collega a *Civilisação*, dos Açores:

«Merecem ser reproduzidas em letras garrafas umas expressões que deixou cahir S. Magestade Catholica, D. Afonso, n'uma audiencia que deu ao general Primo de Rivera. Acharão n'ellas os leitores o segredo da prosperidade das colonias hespanholas.

Esse militar, a quem se confiou o mando das ilhas Philippinas em substituição do general Moriones, que cumpriu o seu tempo regulamentar, julgou-se obrigado a apresentar-se ao rei para lhe agradecer o accordo tomado em seu favor, e pedir-lhe ao mesmo tempo que lhe dêsse qualquer instrucção ou recommendação particular que julgasse oportuna para o melhor desempenho do seu cargo, accrescentando que «o seu unico sentimento consistia em que uma mudança de ministerio, sobre tudo em sentido dos constitucionaes (antigos progressistas) o obrigasse a voltar antes de tempo, porque isto lhe seria gravoso e elle apenas contava com a sua espada.» — «Podeis ir tranquillo (lhe disse immediatamente D. Afonso) porque, se grandes acontecimentos o não impedirem, encontrareis no vosso regresso, depois de cumprir o tempo regulamentar, (tres annos) o mesmo ministerio e o mesmo parlamento, pois havendo-se querido que eu seja Rei constitucional, dou gosto aos que o desejam, e em assumptos legaes só vejo a camara sem prejuizo de attentar um pouco nos que fóra d'ella andam por outros caminhos.

EM QUANTO A' GOVERNAÇÃO DAS PHILIPPINAS (accrescentou) PROCURAE PRIMEIRO QUE VOS ALCUNHEM DE «FREI FERNANDO», COMO A MORIONES CHAMAM «FREI DOMINGOS»; ATENDE-VOS AOS MISSIONARIOS, E CUIDAE-ME MUITO D'ELLES, QUE SÃO O NOSSO MELHOR EXERCITO, se bem que os frades são uteis em toda a parte e os seus inimigos combatem-nos porque elles evitam muita cousa. Isto é já de todo o ponto averiguado.»

Se S. Magestade Fidelissima dêsse eguaes instrucções aos governadores que envia para as colonias de Portugal!...

No *Monde*, excellento diario de Paris, de 4 de dezembro, acabamos de

lêr um bello necrologio do ha pouco fallecido snr. Arcebispo de Goa, Ayres de Ornellas, assignado por Mgr. Maret, bispo de Sura e cathedratico da Sorbona, que o conheceu ultimamente em Vichy.

Com effeito, a perda do illustre Arcebispo Primaz do Oriente foi uma grande perda, humanamente fallando. Mas Deus o quiz; acabou-se!... *dedit... abstulit... sit benedictum.*

Uma das coisas que o grande Prelado affirmou mais de uma vez em sua enfermidade foi que morreria contente morrendo nos braços de um padre Jesuita, e que sempre pedira isso a Deos.

Quem, a seu convite, o confessou, lhe administrou os ultimos sacramentos, e para assim dizer lhe fechou os olhos, foi um nosso patricio, o Rev.º P.º Joaquim Campo Santo, dignissimo ecclesiastico e distincto professor.

Os famosos decretos de Grévy contra as congregações religiosas, ainda não foram executados na ilha de Corsica; e a razão é muito simples:—Os visinhos d'aquelles conventos, que lhes devem immensos beneficios, estão armados e áleria, promptos a defendel-os contra os ladrões gazueiros. Assim o participaram ao governo e á policia, segundo se lê na *Gazette du Midi*.

(Continúa). UM VIMARANENSE.

## A FESTA ESCOLAR

DA IRMANDADE DOS SANTOS PASSOS

Estivemos quasi tentados a não fallar da festa escolar que a meza dos Santos Passos costuma fazer no dia da Conceição Immaculada de Maria. Tencava-nos o medo, (deixem-nos os leitores ser franco) que nos causou a portaria do Sebastião José de Carvalho, do seculo XIX, que para honra do carangueigissimo progresso que por ahí impera, ajuda a reger os destinos d'este malfadado paiz. Resolvemos, porém, o contrario, perdemos o medo, e não só fallamos da festa, mas fazemos mais, vamos ser como o maisim *Primeiro de Janeiro*, vamos fazer uma denuncia ao governo.

Em Guimarães, na terra onde primeiro eccoaram os gritos entusiasticos d'um povo que adquire a liberdade; n'esta terra que, como diz um nosso auctorisadissimo escriptor, cresceu e prosperou á sombra da casa de Deus e d'uma praça de guerra; n'esta terra, que ultimamente tem sido invadida por uma horda de Cav., R., X., Ven. de amplo luxo e enormes pés invergaveis, mas capazes por seu pezo de derrocar os mais vetustos monumentos; n'esta terra, diziamos nós, em pleno seculo XIX, e n'um dia em que a natureza pa-

## Secção Historica

## O Sanctuario da Senhora de Guadalupe em Aguas Santas

11

rece haver desejos de usar os seus mais formosos adornos, abria-se uma casa, à luz do dia, por um sol brilhantissimo, para mostrar, em amplos e assciados salões, um numero infinito de creanças louras e rosadas como os anjos de Murillo, inquietas como loucas avesinhas, contentes como é contente a innocencia, mas presididas por umas poucas de irmãs hospitaleiras, trajando o habito negro da ordem e apertando a cintura com o cordão do pobre d'Assis!

E não eram meras testemunhas ou comparsas na festa as irmãs hospitaleiras: são as mestras, as que tem a seu cargo a instrucção das *louras creanças*, dos *mais caros penhores d'un coração de mãe!*

E ainda mais, quando tudo estava reunido, e no meio d'um silencio espantoso, um padre, um padre, sim, senhores, (serci maisim como o *Janeiro*) o padre Antonio Caldas, o entusiasta devoto da Penha, vestido com os habitos talaes, faz um discurso brilhante, esplendido, magnifico, com o qual arrebatou o auditorio, e fez de muitos olhos brotar lagrimas, mas lagrimas de alegria, snr. José Luciano de Castro, porque fallava às creancinhas, aos rapazes enluvados e de bigode retorcido, às damas da primeira sociedade, e ao povo que se apinhava às portas das salas, fazendo a apologia das irmãs de caridade, e stygmatisando o proceder dos governos que roubam a liberdade àquelles que por vocação queiram viver enclostrados e cobertos com o habito de frade! Veja, snr. ministro, como este povo está ainda, como elle chora, como se sente estremecer de indignação quando lhe recordam a falta dos frades, e de prazer quando lhe fallam na felicidade da familia, presidida pela mulher que foi educada pelas irmãs de caridade!

Snr. José Luciano de Castro, deixo-nos de portarias, nada de palavriados; ou *liberal* às direitas, como o collega de v. ex.<sup>a</sup> marquez de Pombal, ou então nada. Ou cobrir o paiz de espias mercenarios; atulhar as prisões com frades e cidadãos innocentes; despedaçar, esmigalhar os ossos á nobreza em pleno terreiro do Paço; atear as chammas inquisitoriaes para torturar os jesuitas, ou então deixar as pobres irmãs ensinar creanças, o padre Caldas enthusiasmar as multidões com seus bellissimos discursos e deixar o povo respeitar a Religião santa de Jesus, sem a qual, nem v. ex.<sup>a</sup> terá segura a pasta de ministro, porque essa mesma hade entrar no monte, quando se fizer a liquidação social, se isso se não fizer já por meio dos dez mil modos de tributar que lembraram ao collega de v. ex.<sup>a</sup>, o ex.<sup>mo</sup> snr. ministro da fazenda, cujo nome nos não lembra, graças a Deus.

ELIAS DE SAMPAIO.

Mandou-se fazer uma imagem grande da Senhora com o Menino Deus nos braços, e na mão direita um sceptro. Na cabeça tem uma coroa imperial, e o manto, que desce até aos pés, é cercado de resplandores. Diz a tradição que esta imagem viera da Hespanha, e é de tanta perfeição e formosura, que mais parece fabrica d'Anjos do que d'homens.

Um auctor, que viajou em todo o reino de Portugal e em paizes estranhos, affirma que não vira imagem da Senhora mais perfeita nem mais formosa.

Esta veneranda imagem está collocada na tribuna do altar-mór da ermida, encerrada por um retabolo que igualmente tem a Senhora pintada. E' esta a imagem que se expõe á veneração publica, e se leva processionalmente em occasião solemne de festividade.

Ha tambem na ermida outra imagem da *Senhora de Guadalupe*, de estatura mais pequena, que se reputa fabricada por mãos dos Anjos, por ser a que appareceu ao piedoso servo da Virgem, fundador e ermitão do primitivo oratorio: está em um nicho de vidraças, ao lado do Evangelho. Ao lado da Epistola vê-se a imagem de Santo Antonio, e no meio a gloriosa Sant'Anna com sua Filha Santissima e o Menino Deus.

Todas estas imagens são de grande perfeição.

Aos lados da imagem grande da *Senhora de Guadalupe* estão duas estatuas d'Anjos postados em acto de adoração, e sustentando cada um d'elles uma tocha.

Tanto o retabolo que encerra a tribuna como os Anjos foram collocados no anno de 1746, importando esta obra em 87\$500 réis. N'esta mesma occasião foi concertado o altar-mór.

Na capella-mór está suspensa uma alampada que constantemente arde diante da imagem da Senhora.

Alem do altar-mór tem a ermida mais dous altares lateraes abaixo do arco cruzeiro. No da parte do Evangelho está a imagem de S. Domingos de Gusmão, e no da Epistola a imagem de S. João de Deus. São notaveis os retabolos dos altares, pela rica talha dourada, em madeira.

As paredes da capella-mór, bem como o tecto interior, são pintadas, representando varios emblemas allusivos á Senhora, com inscripções tiradas da ladainha lauretana.

Eis aqui as inscripções: *Vas spirituale*

— *Domus aurea*— *Vas insigne devotionis* — *Rosa mystica* — *Janua coeli* — *Stella matutina* — *Turris davidica*— tendo as figuras allegoricas correspondentes á significação das palavras.

As paredes do corpo da ermida tambem são pintadas, representando varios passos da Paixão de Jesus Christo. Estas pinturas estão bastante deterioradas; mas deviam ser muito lindas na sua frescura.

A primeira d'estas obras foi feita no anno de 1746, e a segunda no de 1754.

O corpo da ermida é dividido por umas grades de pau, abaixo do arco cruzeiro. No coro, ao lado direito, está o orgão, soffrivel para um pequeno templo. Foi collocado no anno de 1740.

Em outro tempo estavam as paredes da ermida adornadas das memorias das grandes e notaveis maravilhas que a Senhora de Guadalupe tinha obrado com seus devotos, em quadros suspensos. Viam-se mortalhas pendentes, pequenos navios suspensos do tecto, e velas de navios que escaparam das tormentas e naufragios.

Ignoro quando foram tiradas estas offerlas generosas dos fleis que d'este modo reconheciam os beneficios recebidos da Senhora; mas sei com certeza que ainda existiam em 1716.

Ao lado direito do sanctuario se ergue uma torre de sinos, que foi construida em 1757, dispendendo-se n'ella pouco mais de cem mil réis. Consta de dous sinos.

O adro é bastante espaçoso e bem disposto, podendo competir com os melhores d'algumas egrejas parochiaes. E' cercado por muros de pedra, bem construidos, tendo duas entradas, uma ao Nascente e outra ao Poente. Esta bella obra foi feita no anno de 1752.

Toda a fabrica da ermida e partes connexas revelam o zelo dos devotos que com suas esmolos conseguiram levantar um templo magestoso, considerado como simples ermida d'uma aldeia, mas que assim mesmo nada tem que invejar a muitas egrejas parochiaes.

Proximo d'ella estava a casa solareja dos fidalgos Maias, em que vivera o infante Alboazar Ramires, seu ascendente, para d'aqui melhor proseguir a guerra contra os mouros, invasores da Lusitania; e certamente d'aqui se deriva a denominação de *Paço*, dada a este logar, por ser a morada d'aquelle principe e de seus descendentes, senhores e possuidores da terra da Maia, a cujo concelho pertence a freguezia de Aguas Santas e o dito logar de *Paço*.

Farei observar que ao Nascente e a pequena distancia da igreja parochial de Aguas Santas, e pertencente a esta

freguezia ha um logar chamado o *Castello*, habitado por gente pobre. E' tra-dição que aqui houvera, no tempo dos romanos, um castello ou fortaleza. E' provavel que alli estivesse entrinchei-rado o infante Alboazar, e d'este sitio combatesse os descendentes do propheta.

Logo em seguida a este logar, e fa-zendo parte da mesma freguezia de Aguas Santas, está situada a grande e linda aldeia que se denomina *Maia*.

Em todo o concelho da Maia, nem mesino no seu antigo termo que se cha-mava a *Terra da Muir*, existe logar al-gum que tenha o nome de *Maia*, senão esta aldeia que acabo de mencionar, na freguezia de Aguas Santas, a pouca dis-tancia da ermida da *Senhora de Guada-lupe*.

E' de crer que aqui habitasse D. Gonçalo Alboazar Ramires da Maia, primeiro filho do infante Alboazar, e avô do gran-de Gonçalo Mendes da Maia, o *Lidador*, valente companheiro do conde D. Hen-rique e leal servidor do nosso primeiro rei D. Afonso Henriques.

Esta aldeia da *Maia* é atravessada pela estrada de macadam que do Porto conduz a Guimarães. E' uma das prin-cipaes aldeias e a mais formosa da fre-guezia de Aguas Santas; e esta fregue-zia é a maior do concelho da Maia.

Não admira, pois, que aqui habitas-sem os ascendentes do famoso *Lidador*, e talvez elle mesmo.

Não longe da ermida, ao Nascente, ha o logar de *Real*, e ao Noroeste o de *Parada*; nomes que indicam habitação de pessoas nobres, e talvez estações mi-litares (acampamento de tropas), como haveria no tempo da invasão e expul-são dos barbaros.

Por tudo isto é notavel a ermida da *Senhora de Guadalupe*, erigida no lo-gar do *Paço*, na freguezia de Aguas Santas.

(Concluir-se-ha).

P.º *João Vieira Neves Castro da Cruz.*

### Movimento Catholico em Portugal

#### A festa da propagação da fé em Guimarães

Fez-se no domingo 5 do corrente a festividade a S. Francisco Xavier, pro-tector da obra grandiosa da Propaga-ção da fé. Nova como é entre nós esta festividade não deixou por isso de ser concorrida, e tanto que o espaçoso tem-plo da Misericordia era cheio de fieis. Será porque os associados n'esta santa, civilisadora e caritativa instituição vão dia a dia augmentando na terra dos Da-

mazos? Deus queira que assim seja pa-ra vermos coroados de exito feliz os trabalhos do incançavel collector o revd.º padre Antonio Joaquim Teixeira.

E como não ser assim? Qual das as-sociações, estabelecidas mesmo entre os catholicos, que tenha um fim mais sym-pathico aos olhos dos homens, e mais agradavel perante Deus? E, d'entre as associações creadas pela philantropia moderna, qual a que possa comparar se a esta?

Sabem os nossos leitores o que faz cada associada com a modicissima es-mola de dez réis semanacs, que dá pa-rra esta pia e santa associação?

Nas terras longiquas da Asia, n'esse paiz onde o mais estúpido dos fanatis-mos impera, as creanças são as mais das vezes abandonadas por seus paes, e quem as acolhe, quem lhes dá gasalha-do, sustento, instrucção e um modo de viver como homens civilisados, são es-ses denodados missionarios, levados de todos os paizes catholicos pelo seu zelo, pela sua caridade. E tudo isto á custa da sociedade da Propagação de fé.

E' á custa de esta associação, cus-teada pelos dez réis semanacs dos fieis, que se abrem escolas n'aquelles paizes onde impera a barbaria, que se mon-tam officinas, que se fazem grandes quintas modellos, que se fundam, fi-nalmente, provincias e reinos catholi-cos, onde se erguem magnificos tem-plos consagrados ao verdadeiro Deus.

Magnificos seminarios são custeados pela mesma associação, seminarios onde se educam missionarios para irem a terras idolatras accender o facho lumi-noso da fé christã.

Oh! salvè divina instituição! Se tu não foras, que milhões d'almas se per-deriam! Sem ti não havia a esplendida cathedral em terras indianas, nem a humilde capellinha em meio dos areaes africanos. A ti devem os diversos esta-dos da Europa milhões de cidadãos, e a Igreja milhões de filhos. Salvè, pois, ó santa instituição, a mais santa d'en-tre todas, salvè!

Fez um bello sermão o revd.º colle-ctor explicando a importancia da asso-ciação, e afervorando a caridade dos fieis para que todos concorressem para a propagação da divina doutrina de Je-sus Christo, a unica que civilisou o mundo, que o livrou por vezes da bar-baria, e que hoje, em meio dos desva-rios da moderna sociedade, é tambem a unica que a salvará.

Felicitemos d'este logar o incançavel trabalhador e digno collector n'esta ci-dade, e fazemos votos porque os filhos d'esta terra mostrem sempre e em tudo, que são dignos descendentes dos seus antepassados.

Aos leitores do *Progresso Catholico* recommendamos a associação de Pro-

pagação da Fé, podendo para qualquer esclarecimento dirigir-se ao revd.º col-lector padre Antonio Joaquim Teixeira, isto nas terras onde o não haja.

Eis a relação dos donativos recolhi-dos pelo revd.º collector, a qual attinge a somma de 360\$615 réis! Motivo é este para dar louvores a Deus, por-que é muito para os tempos de indiffe-rentismo que atravessamos:

Enviado em 15 de dezembro de 1880:

|  |          |
|--|----------|
| De diversos chefes de Decu-ria e associados . . . . .  | 281\$480 |
| Do snr. Manoel José Antu-nes Amarante, da fregue-zia de Gontim, pedindo uma missa por sua tenção   | 6\$780   |
| Do snr. Manoel Ignacio Ma-chado de Moraes, do Mi-randella, pedindo algumas orações dos revd.ºs mis-sionarios por sua tenção .  | 1\$000   |
| De uma anonyma . . . . .   | 18\$000  |
| Esmola com que o fallecido conego Francisco de Sou-za Barros contemplou em seu testamento esta santa associação por uma só vez   | 50\$000  |
| Esmolas no dia da festa de S. Francisco Xavier, ce-lebrada no dia 5 do cor-rente na egreja da Mise-ricordia por numerozo cle-ro, gratuitamente, inclusi-ve o sermão prégado pelo Collector principal . . . . . | 3\$355   |
|  | <hr/>    |
|  | 360\$615 |

J. DE FREITAS.

### Sessão Literaria

Por occasião do Centenario de Camões escreveram-se e publicaram-se muitas poesias. D'entre todas as que chegaram ao nosso conhecimento a mais bella e substanciosa é a que hoje apresentamos aos nossos leitores. Talvez por isso mes-mo que é a mais bella, é que tem per-manecido completamente inedita, sendo necessario irmol-a desencantar com não pequeno trabalho de continuas instan-cias á carteira de um amigo. Estamos certos de que os leitores do *Progresso Catholico* nos hão-de agradecer a dili-gencia.

## LUIZ DE CAMÕES

### AS GLORIAS DE PORTUGAL

Quam formosa é minha terra  
A terra que Deus me deu!  
Que verdes tem as campinas!  
Que annullado o mar e o ceu!  
Que alvas casinhas povôam  
As aldeas que corôam

Os montes da beira-mar!  
Berço d'um povo brioso  
Que só dá culto piedoso  
A seu Deus, seu rei, seu lar.

Que pena ser tão pequeno  
Esse meu luso torrão!  
Não ter campos mais extensos  
Essa tão nobre nação!  
Que pena que seja um passo  
Desde o Algarve até Melgaço,  
Desde o Cayá até Cascaes!  
Lindo vergel vecejante  
Porque é d'um povo gigante  
Pequena herdade e não mais?

Os seus filhos o entenderam!  
Viram ser pouca a extensão  
D'essa terra para um povo  
De tão grande coração!  
Portugal é pequenino,  
Disseram, para o destino  
De uma nação que ó sem par!  
E a um e outro hemispherio  
Levaram, com seu imperio,  
Seu Deus, suas leis, seu lar!

Levou-os Affonso Henriques  
A's terras que conquistou  
Do mouro torpe e descrido,  
Que em Ourique avassallou!  
Levou-os até Castella  
Do Condestavel a estrella  
Que tão linda refulgiu!  
Levou-os ás Indias Gama  
E ao Brazil, que inda hoje o acclama,  
Cabral que primeiro o viu!

Levou-os com seu sextante  
Pelos desertos do mar  
Pedro Nunes que as alturas  
Foi do sol investigar!  
E sem armas, e sem guerras  
Do Preste João ás terras  
Foi Pero da Covilhã  
Levar novas da grandeza  
D'esta nação Portugueza,  
Tão bizarra e tão christã.

Levou-os a voz de um sancto  
A' Italia que se assombrou,  
Quando Antonio de Lisboa  
Thaumaturgo venerou,  
E aos hospitaes de Granada  
A virtude acrysolada  
D'um filho de Montemôr  
João de Deus, o assidado,  
Que de louquinho apodado  
Mostrou-lhe o que pôde o amôr!

Ao solio do Vaticano  
O grão Damaso levou  
A lyra Sancta, que outr'ora  
Em Guimarães afinou:  
Levou de Trento á Assembléa  
Uma alma de crenças cheia  
De Braga o humilde Prínaz;  
Levou Magriço a Inglaterra  
Os brios em que esta terra  
Tão fidalga se compraz.

Levou-os além dos mares  
O esforço dos filhos teus,  
O' Lysia, que a novos mundos  
Prégaram a crença em Deus:  
Nunes, Barreto e Vieira,  
Brito, Azevedo, Silveira,  
Qual martyr, qual prégador,  
Que a todo o orbe levaram  
O zelo que em ti mamaram  
Pela causa do Senhor.

Mas Camões?... Seu genio immenso  
E' emblema de Portugal;  
Se este tem confins pequenos.  
Camões o fez immortal!  
Creando a lusa epopea  
Deu elle fama europeia  
A nossos grandes varões;  
Por elle se conheceram  
Os heroes, que aqui nasceram,  
Nas mais remotas nações.

Ao brilho de lendas nobres,  
Bom chronista e trovador,  
Juncta da musa o prestigio,  
Juncta da lingua o primor;  
Com sua ardente phantasia  
Leva o universo, á porfia.  
Nossos annaes a estudar,  
E a todos povos obriga  
Que gloria da Lysia antiga  
Ninguem a possa negar.

Sò por este o luso idioma,  
Que de Virgilio brotou,  
Entre 'os sabios d'outras terras  
Cheio d'encantos soou!  
Eram joias peregrinas,  
Puras heranças latinas  
Guardadas em Portugal,  
E por ellas aprendia  
Europa os heroes que havia  
Na nossa terra natal.

Foi seu éstro de poeta.  
Foi sua harpa de marfim,  
Que lhe abriu por Mikle e Neroi  
De Albion, de Italia o confim,  
Que levou Tasso a admiral-o,  
França, Allemanha a estudal-o,  
E a todo o mundo ensinou  
Os nomes de Castro e Gama,  
E poz nos labios da fama  
Esta terra que os creou.

Pequeno torrão no mundo  
Era este bom Portugal;  
Mas berço de um povo heroico  
Não devia ter rival:  
Camões... Carinhoso filho  
Deu-te, mãe patria, o brilho  
De que pasmam as nações,  
E o nome da Lusa gente,  
Se resplandece fulgente,  
A quem o deve, é a Camões.

Vigo. Junho de 1880.

P.º C. R.

## O SANCTUARIO DO BOM JESUS DO MONTE. EM BRAGA

...Majora sunt... opera tua quam  
rumor, quem audivi...

(REIS CAP. X)

Não vão decorridos ainda muitos annos, que um douto escriptor, referindo-se á abertura da nova estrada, que sobo o monte do Bom Jesus do Monte, dizia com um notavel máo humor: «Em vez da antiga frondosissima ramagem, vê-se desassomburada em sua passagem a nova estrada. A commodidade do homem sacrificou a belleza da natureza; no frenezim actual pelos melhoramentos materiaes, este máo gosto ó geral.»

E de subito, o illustre cathedrático, o snr. Diogo Pereira Forjaz, a quem pertencem as palavras que cito, sentiu-se como que tomado de um remorso fundo, pois se penitenciou dizendo:

«Boa parte do nosso povo ainda infelizmente é rude; e o silvo da locomotiva, levando em vôo de fogo a civilisação, ainda no Minho não teve tempo de fazer o milagre de romper as trevas com o seu rasto de luz.»

E como se isto não fora já muito para a contrição do consciencioso auctor das *Memorias do Bom Jesus do Monte*, accrescenta mais tarde s. exc.ª as seguintes palavras, que a posteridade lhe agradecerá:

«Deverá adoptar-se um systema geral e constante de plantação, cobrindo de arvores frondosas não só as grandes clareiras da matta, mas as terras de sequeadura e os enfezados oliveaes, que por entre ella ainda se encontram a dar testemunho da ignorancia e máo gosto das gerações passadas. E apoz tudo isto deve distribuir-se a matta em ruas estreitas e tortuosas; aproveitar em fontes rusticas as abundantes nascentes, que andam extraviadas; levantar mirantes sobre os grandes penedos; formar challetts e casas de recreio no interior da matta e sobre os despenhadeiros, donde possam gozar-se os variados e deslumbrantes panoramas; auxiliar a natureza, que tão próvida é n'estes sitios, e que infelizmente está tão esquecida e despresada.»

Abonava-se ainda o snr. Forjaz citando a opinião do meu jámais esquecido amigo Ayres de Sá Nogueira, nunca leve em materias de gosto e de patriotismo.

Isto era ahi pelo anno de 1876.

Eu buscava e conhecia a formosa montanha do Bom Jesus do Monte, quando ella era ainda apenas um logar consagrado ás profundas meditações. Ali gosei dias inolvidaveis, horas sem repetição. Ali curti mais tarde saudades intimas, aquecidas pelo mais ou-

tranhado affecto filial, tão santas e tão immensas como, entre aquelles arvoredos, assomaram ellas ao coração paterno do auctor das *Memorias do Bom Jesus do Monte*, em torrentes de lagrimas pela recordação de um filho estremecido que perdera.

Foi á sombra d'aquelles cedros seculares e d'aquellas copas; ao murmuro d'aquellas aguas e ao frescor d'aquellas brisas, que o commendador Senna Freitas, meu pae, meditou um monumento de gratidão e dedicação a Braga, as suas *Memorias de Braga*, que deixou incompletas e ineditas, mas que trabalhou como o obreiro que deseja ver ligado o seu nome á gloria de uma acção benemerita.

Hão-de estas *Memorias* ver a luz do dia, se Deus me ajudar para as coordenar, e, de certo modo, completar. Devo eu tambem a Braga este serviço humilde, mas honroso em extremo; dever que me ficou em herança, e que não sei sonegar.

Um formoso dia outomnal era eu ali. Quando menos o esperava fui distraído, não sei de que pensamento, pelo rodar de uma carruagem, e reconheci, já a descer d'ella para me abraçar, o meu distincto amigo Marquez de Vallada, então governador civil de Braga. Ia a seu lado o secretario geral do districto, moço altamente sympathico, cujo honroso conhecimento n'este instante fiz.

Poucos passos déramos, já o diligente e illustrado governador civil me relatava como desejava deixar assignalada n'aquelles penhascos e n'aquelles arvoredos a sua passagem pelo districto, que de ha muito eu sabia ser de subido apreço para elle.

O plano agigantado do Marquez de Vallada começava apenas a traduzir-se pela abertura de algumas avenidas, pelo corte de diversas arvores, sob a intelligente direcção de um prestimoso horticultor, sob a vigilancia do popular Simão, e sob a gerencia de uma commissão nomeada *ad hoc* pelo illustre chefe do districto.

Se Pedro José da Silva com os prelados de Braga, deixando o seu nome immorredouro no grande monumento do Bom Jesus do Monte, legou ao Marquez de Vallada um raio do seu espirito iniciador, Carlos Luiz Ferreira da Cruz Amarante, o grande architecto e o incançavel obreiro, transmigrrou-se (se me permittirem o termo) em Antonio Brandão Pereira, seu audacioso imitador.

O primeiro dotou aquella natureza rudemente formosa de todos os adornos que a podiam tornar imponentemente santa; este imprimiu-lhe o cunho artistico da nossa epoca, mais moldado no pathetico de uma poesia alegre e

folgasã. O coração do crente, que se extasia ante os mysterios augustos da religião e da fé no portal dos mysticos retiros, sente tambem elevar-se a Deus junto da florsinha rasteira, posta artisticamente pela mão do homem nas físgas dos rochedos.

A benemerita commissão administrativa do Real Sanctuario, delegando no Dr. Antonio Brandão Pereira todos os poderes para o desempenho da missão que se impozera, evidenciou quanta confiança lhe inspirára aquelle velho de 30 annos, aquelle coração poetico e aquelle grande alma, aquelle caracter exemplarmente honesto e aquelle vontade singularmente intrepida e perseverante.

Quatro annos haviam decorrido já, sem que eu voltasse a ver aquelles sitios por mim tão lembrados. Ao volver agora quasi que os não conheci.

Que é d'aquella vetusta casinha, de cujos mirantes eu olhava as torres mais vetustas ainda, da Braga senil, e os elegantes edificios da Braga moderna? Que é dos bosques emaranhados, onde me perdia em busca de um carcirinho amigo e protector, que me conduziisse ao Terreiro dos Evangelistas? Que é dos penhascos tristes e negros, que havia d'além? Que é d'aquelle regato escondido entre os fetos, e d'aquelles atalhos tortuosos, por onde se escorregava de um para outro ponto, ao sair-se da mata para o sanctuario?

Ai, minhas reminiscencias!

No logar da casa, uma esplanada hoje, um elevador amanhã! Nos bosques, ruas formosas, galerias de flores, lagos e ilhotas, cascatas e grutas, fontes e mirantes, *chaletts* e... quanto o bom gosto pode offerecer ao genio inventivo do jardineiro nos nossos tempos! Os penhascos são outeiros de trepadeiras e rosas, serpeados de caminhos acertadamente dispostos. O regato, desviado para outro ponto, é uma fonte elegante de artisticos labores, e os atalhos são espaçosas avenidas, orladas de jasmims e boninas, de madresilvas e heraras, que se entrelaçam ás guardas de cortiça engenhosamente dirigidas!

Não se encontra um alegrete semelhante a outro, nem se topa com dois panoramas do mesmo aspecto. De cada lado uma nova attracção, e em cada attracção uma nova belleza. Por toda a parte primores do gosto, e em cada corte, attestando o esforço, uma inscripção feita por quinhentos operarios á ponta da picareta; inscripção confirmada no plano de um quadro, collocado entre os retratos dos protectores do Sanctuario, pela mão agradecida da commissão administrativa de 1878.

Este quadro é um especimen de photographia, em vulto natural, no qual está retratado esse mancebo cheio de vida e de aspirações, de modestia e de

justo merito, que outr'ora conheci, a inla creança, dormitando de aborrecido junto á mesa do *Voltarete* familiar das quartas feiras, e hoje honra as nobres tradições dos seus maiores, o seu berço natal, e o seu paiz, com um nome, que será ainda venerado no porvir, e repetido para orgulho de Braga.

Perdoe-me Antonio Brandão Pereira estas palavras, que, se ferem a sua postura, satisfazem a muita gente.

O Marquez de Vallada e o snr. Diogo Pereira Forjaz devem estar contentes. O quadro phantastico das suas aspirações tem todos os coloridos da mais lisongeira realidade. Amanhã... irá essa realidade muito alem da sua expectativa.

Eu lembro-me ainda d'aquella cama dura em que moia os ossos no velho hotel, onde a patriarchal costellota suina disputava a dureza do colchão de palha de milho, e a insipidez e boçalidade dos creados, apesar do meu caro D. Antonio da Costa ter decantado um d'elles, que eu chego a crer que seria a nata dos creados, mas que não tive a felicidade de conhecer.

Aquelle delicioso sitio carecia de um hotel commodo e civilisado, quanto aquellas encostas careciam de flores.

O viajante necessitava de uma boa cama e dos regalos e nitidez de uns lençóes de bretanha, para não attingir um desespero insecticida contra os esfaimados e fecundos povoadores dos velhos xargões, que eram no antigo hotel a mortificação dos visitantes.

Perdão do coração á memoria do bom hospedeiro, que, não obstante, era um homem de bem, dos pristinos e saudosos tempos *de antes quebrar que torcer*.

Hoje, graças ao progresso, ha ali um hotel em toda a extensão da palavra. Dou a alegre noticia aos que gostam de passar bem. Fóra de Lisboa e Porto, cremos que se não encontrará no paiz um igual, nem mesmo na formosa Cintra, apesar de toda a sua pretenciosidade.

Excellent *ménage*, boa mesa, quartos luxuosos, serviço primoroso, manciaras cortezas nos servos, obsequiosidades inexciveis nos proprietarios, eis a transformação, que ás vezes nos faz crêr estarmos ali habitando plena França. Quem conhece Portugal desde a escorção feita por quinhentos operarios á ponta da picareta; inscripção confirmada no plano de um quadro, collocado entre os retratos dos protectores do Sanctuario, e duplical-os á sahida.

Mas este hotel parece ser um pretexto para viver ali um dos homens mais comprehendedores e corajosos que tenho conhecido. Justifica-se portanto o que se observa n'aquella vasto e bem organizado estabelecimento, que pela mesa

do Sanctuario lhe foi concedido a largo praso.

Associado com o snr. Manoel Joaquim Gomes está o snr. João Vieira da Silva no empreendimento mais arrojado, que se podia conceber para co-roar todos os melhoramentos, que nos ultimos annos tem tornado aquelle monte mysteriosamente encantador.

Vieira da Silva é um homem illustrado, de aspecto franco, de trato em extremo amavel,—de uma actividade pouco vulgar, e de um gosto singular pelos lindos da surpresa. Conhece uma boa parte das linguas que se fallam na Europa, por onde tem viajado muito. Posto que nascido no Brazil, Vieira da Silva é filho de paes portuguezes, e tem pelo nosso paiz uma predilecção verdadeiramente filial; o que é raro nos naturaes da America, d'aquella ex-perola da coroa portugueza, desengastada pela mão impiedosa e destruidora da revolução e da maçonaria.

A concorrência ao Sanctuario de anno para anno tem crescido extraordinariamente. Não creio que esta affluencia de visitantes tenha por unico fim alcançar as graças concedidas por Clemente XIV, Pio VI, D. Fr. Miguel da Madre de Deus, Pio VI e Pio IX. Inquestionavelmente vae ali muita gente, tendo por objecto recrear-se, sem que todavia o Sanctuario deixe de receber d'estes um obulo qualquer.

Não obstante a nova estrada permitir ascensão mais commoda do que a anterior, por que é extensa ninguem deixa hoje de aproveitar os vehiculos que se alugam em Braga por um preço assaz exagerado, o que afugenta uns, e cança muitos.

Vieira da Silva formou o projecto de cortar este inconveniente, pela mais facil e economica affluencia áquelle bello sitio, proporcionando aos viajantes um elevador de systema russo, com dois carros, assentes sobre linhas de aço, por ingrenagens combinadas, tendo por motor a agua, que se acha já em um grande deposito situado no extremo superior das linhas. D'este modo, em um minuto subirá o viajante, sem o menor risco, do portico ao templo, ou descerá do templo ao portico, sem carencia de percorrer a estrada ou os escadarios, no que hoje consome perto de meia hora. As empresas do elevador e dos carros americanos, d'accordo ambas, offercerão um transporte, cujo custo de ida e volta de Braga não excederá trezentos e vinte reis por pessoa.

Está orçado este grande melhoramento em 30 contos de reis. Este elevador é o primeiro no seu genero, que se construe em Portugal. Está já aberto o leito do seu giro. Foi commettida a direcção technica da obra ao distincto engenheiro civil o snr. Cock de Carvalho, director

que foi do Caminho de ferro do Minho. Não ficam porém aqui os emprehen-dimentos dos snrs. Vieira & Gomes.

O hotel, cujo edificio é já em si importante, está soffrendo uma transformação digna de se mencionar.

Acha-se já em construcção uma elegante rotunda accessivel, que olha para o Oeste, cercada de espaçosas janellas, e que formará o extremo do novo refeitório do hotel. Demolida que seja a parede antiga d'aquella face do edificio, ficará a grande sala com doze janellas, que darão luz a numerosas mezas, nas quaes poderão ser servidos ao mesmo tempo trezentos convivas. Nem Lisboa nem o Porto tem um hotel com estas proporções.

Na face opposta á d'esta rotunda haverá outra, destinada a casas de banhos, e ao telegrapho electrico.

Sobre a construcção existente vae elevar-se um segundo pavimento com accommodações convenientes para familias, e quartos para diversos preços, guarda roupas com ventiladores, e tudo o mais que modernamente se tem adoptado nos estabelecimentos de primeira ordem n'este genero.

O Sanctuario do Bom Jesus, n'este progredir constante, inclina-se a ser ainda a Lourdes portugueza. Esta minha supposição é tambem um anhel. Possa elle ter o futuro que tiveram as suggestões do snr. Diogo Pereira Forjaz.

O Bom Jesus tem inspiração para todos os corações, attracção para todos os espiritos, recolhimento para todos os pensamentos, alegrias para todas as edades e linitivo para todas as dores.

N'esta meditação foi que encontrei anonyma e peregrina, escripta em uma tosca taboa do mirante, que se eleva junto ao lago da matta, a quadra seguinte, que aqui deixo copiada, por que é pena que o inverno a oblitere. A sua publicação é de que servem de pretexto as linhas que deixei escriptas.

•Dau-te o nome o Bom Jesus,  
A belleza o mesmo Deus;  
Tens o encanto dos Ceus  
E as tristezas da Cruz!

Cavaliões, Marco de Canavezes 1 de Dezembro de 1880.

BERNARDINO J. DE SENNA FREITAS.

### Secção Bibliographica

*Historia alegre de Portugal.* = *Os ultimos trinta annos.* = *Almanaque de los amigos del Papa.* = *O Inferno dos ciumes.* = *Diccionario de geographia universal.* = *Lubim & Comp.* = *Dois Almanaks interessantes.*

Publicou-se em Lisboa um livro com o titulo de *Historia alegre de Portugal*, por M. Pinheiro Chagas.

Approvamos a forma, mas regeitamos as ideias que o auctor apresenta em certas partes.

Não gosta de frades, nem mesmo de

clero algum, nem nós por isso gostamos da obra.

Não assim a ultima obra de Cezar Cantu, de que já nos occupamos, *Os ultimos trinta annos*. N'esta sente-se o ressumbrar da verdade de todas as paginas, de todas as linhas. Com que clareza, com que amor pela verdade nos descreve Cezar Cantu os attentados da impiedade contra Roma, contra o poder temporal do Papa; e as tropelias, e as combinações covardes, realizadas entre o governo de Victor Manuel e Napoleão III, esse miseravel que apenas deu ampla passagem ás hostes da Revolução, principiou a contemplar as desgraças da França, prenuuncios das suas proprias desgraças, que o levaram a depór a espada traiçoeira aos pés do imperador Guilherme, e a deixar a França entregue á canalha. Com que prazer se lê uma historia escripta como a sabe escrever o auctor da *Historia Universal*! Porque o historiador consciencioso não põe a sua penna á mercê de suas paixões, ou dos partidos e seitas que representa na republica das letras. O historiador narra os factos e applica-lhe a critica, mas a critica desapaixonada, a critica que não receia desagradar a uns ou outros. E' isto o que faz, e d'uma maneira admiravel, o auctor dos *Ultimos trinta annos*.

Depois n'este ultimo trabalho do notavel historiador vão saber-se factos que se desconhecera completamente, que são novos para todos, porque são passados no segredo dos gabinetes ministeriaes, e alguns até entre o auctor e altos personagens.

Já recebemos o 3.º fasciculo, que é talvez metade da obra; podemos por tanto dar aos leitores do *Progresso Catholico* a agradável noticia, de que em breve será concluida uma tão importante publicação. (1)

D'entre os muitos almanaks que tem sahido para o anno de 1881, e que nos foram enviados, destaca-se, pela variedade de artigos, pela sã moral que encerram todos elles, pelo esmero de trabalho typographico, pelas boas gravuras, o *Almanaque de los amigos del Papa para 1881*. Publicação feita pela *Revista Popular* de Barcellona, empreza já bem conhecida de nossos leitores, pelas interessantes publicações que tem feito, muito deve ter agradado em Hespanha, e devêras sentimos que, sendo a lingua hespanhola tão irmã da nossa, não sejam mais conhecidos entre nós os muitos e bons livros que lá se imprimem.

Agradecendo ao catholico editor a mi-

(1) Os snrs. assignantes do *Progresso Catholico* que fizoram a assignatura d'esta obra por via da nossa casa recebel-a-hão depois de concluida. Foi este o meio que julgamos melhor. Recebem-se ainda assignaturas.

mosa offerta, fazemos votos por que seja lido, como merece, tão interessante almanak.

Ainda bem que alguns livros, romances especialmente, tem sido traduzidos do hespanhol para a lingua portugueza, sendo os melhores d'entre elles os de Henrique Perez Escrich. Da *Empresa do Cura d'Aldeia* acabamos nós de receber o 1.º volume do *Inferno dos Ciúmes*, continuação do *Amor dos Amores*. Recommendar um livro que tem esgotada a primeira edição, é desnecessario; limitamo-nos por tanto a agradecer a offerta.

Por vezes temos recommendado uma das publicações que mais o merece, e hoje vamos ainda occupar-nos d'ella, ainda que rapidamente, em harmonia com o espaço de que podemos dispor. E' do *Diccionario de Geographia Universal* que queremos fallar. Quando vemos o pouco gosto que ha presentemente em Portugal pelas letras, e o pequeno numero de pessoas que sustentam as empresas litterarias, não podemos deixar de admirar o arrojo de certos editores, que se atalham a fazer uma edição como a d'este diccionario!

Temos seguido passo a passo esta publicação e cada vez nos convencemos mais da sua importancia, da sua utilidade e mais agradecemos o serviço que, com tal publicação, presta ao paiz o snr. David Corazzi.

Os fasciculos que ora recebemos são os n.ºs 115 e 116, que comprehendem as paginas de 809 a 840 do 2.º volume. O formato é quasi o do *Progresso Catholico*, papel excellente e custa cada fasciculo 100 réis.

Da mesma empresa recebemos os 1.ºs fasciculos do romance *Lubin & Comp.*, que agradecemos.

São dois almanachs, ambos interessantes e ambos tem ampla entrada em casa de familias catholicas.

Um é portuguez, d'esses portuguezes d'antes quebrar que torcer, cheio todo elle de sã e delectosa leitura: artigos magnificos, poesias lindissimas, firmados uns e outras pelos mais distinctos poetas e prozadores do campo onde fluctua a bandeira azul e vermelha.

E' o *Almanach catholico legitimista*.

Pelo indice da parte litteraria, alem da parte util que não mencionamos, podem nossos leitores avaliar de sua importancia. Eil-o:

«D. Miguel de Bragança—Bayard—D'après nature—Parallelo curioso—A estatua do Rocío—O liberal devoto—O sotaina negra—O libertador—Os dois sonhos—Natividade da Santissima Virgem—O real d'agua—A abelha e a flôr—O duque de Guise—Enterro do bispo d'Olba—Mario—Uma noite na Torreira

—Moncada—Conde de Suberra—Só a oração e o jejum podem expulsar certa casta de demonios—A flôr e a nuvem—Visita de uma princeza—A Oração—As principaes alcunhas porque foram conhecidos em Portugal varios fidalgos antigos—O filho do emigrado—Duas mães—Primeiro alvor—Anathema—A guerra anti-catholica—Visita real—Explicação—Quem tem bocca vac a Roma—Gracianos—Homenagem a Camões—Tres de abril—A irmã da caridade—Não é bom esquadrinhar genealogias—A estatua do poeta—A memoria de minha irmã Palmyra Adelia de Magalhães Fonseca—Tolerancia liberal—Fructos da liberdade—Os tres estados do reino—A Providencia—Noblesse oblige—O Papado e os seus inimigos—Um diplomata da época—A Luiz de Camões—Opinião de um liberal acerca do snr. D. Pedro—Jesuita—A ex.ª sr.ª D. L. A. da S. R.—D. João de Castro—Causa primaria da guerra ao Senhor Dom Miguel—Abnegação—Os portuguezes na guerra peninsular—Liberdade, egualdade, fraternidade—A capella do voto d'El-Rei D. João I—Uma esperança—Fome e sede—Pelotiqueiros politicos—Amnistia.»

Custa apenas 120 reis, e vende-se em quasi todas as livrarias.

O outro é brasileiro, mas brasileiro illustrado, sem modos pedantescos, nem atrevimentos malcreados, como a mór parte dos brasileiros que veem das terras de Santa Cruz. E' o *Almanach brasileiro illustrado*, coordenado pelo ex.º dr. Antonio Manuel dos Reis, distincto jornalista e redactor do *Brazil Catholico*.

Volume de 206 paginas, com algumas gravuras, impregnado das mais odoríferas flôres de poesia brasileira, é este, ao nosso parecer, o mais interessante dos almanachs que se publicam em lingua portugueza, o que sobretudo nos orgulha, por vèrmos, n'um paiz estranho, publicar livros de tanto interesse na lingua de Camões e Bernardes.

Aos nossos collegas de Lisboa e do Rio de Janeiro agradecemos tão mimosas ofertas, e aos nossos leitores, recommendando-lhe a leitura d'estes dois livros, cumprimos um dever de consciencia, porque crime seria não fazel-o.

F. DE GUIMARÃES.

### Retrospetto da quinzena

O garotismo de Coimbra envergou a batina escolar, e saltou para a rua, junto do lyceu d'aquella cidade para dirigir insultos aos transeuntes. A victima escolhida foi o redactor principal d'esta folha o revd.º P.º Senna Freitas.

Não admira. De ha muito que os primeiros estabelecimentos litterarios do nosso paiz abrem as suas portas para dar entrada a rapazes a quem as familias não souberam educar antes de os

mandar degradar os bancos das aulas, e que os mestres não sabem, ou não querem, ou não podem levar ao caminho da honra e do dever. D'aqui o virem para as praças publicas occupar o lugar que deixa o moço de recados, o carregão de pau e corda.

Bravo, esperançosos mancebos! Despi a batina, que tantas celebridades honraram e vesti antes o fato da garotada ou a camisola do magarefe para se desculparem as vossas baixezas.

Não vos envergonhaes de haver insultado um padre, que todos respeitam, que todos admiram e a quem Portugal deve uma das mais santas instituições que a caridade christã pode inventar?

Não córaes por haver insultado o padre que dias depois tomava logar à meza do Ex.º Bispo d'essa diocese, para assistir ao jantar que S. Ex.ª offertava ao Primaz das Hespanhas?

Se dos garotos partiu o insulto, partiu das primeiras pessoas de Coimbra a gloria.

O P.º Senna Freitas fôra a Coimbra inaugurar a Conferencia de S. Vicente de Paulo, e com tanta felicidade, que conseguiu realizar o seu intento em meio dos applausos do que ha de notavel na cidade de Coimbra.

Eis o que a tal respeito encontramos n'uma correspondencia d'aquella cidade para um collega de Braga:

«No dia 4 do corrente mez de dezembro, pelas 7 horas da noite, realizou-se na magestosa bibliotheca do Seminario episcopal de Coimbra a installação d'essa sympathica sociedade de beneficencia, assaz conhecida já no nosso paiz onde se acha diffundida, e intitulada—Conferencia de S. Vicente de Paulo.

O revd.º snr. Senna Freitas viera expressamente do concelho de Penafiel, onde reside, a Coimbra para aquelle fim. E' certo que teve de arcar com numerosas e sérias difficuldades, mas felizmente o mais lisonjeiro exito veio coroar os seus esforços. S. Exc.ª Revd.ª o Snr. Bispo Conde dignou-se collocar a mencionada associação debaixo dos seus auspicios e inscreveu-se como seu primeiro socio honorario, ainda antes, segundo nos consta, que ella tivesse sido organizada.

O snr. padre Senna Freitas discursou por espaço de uma pequena hora e com profunda attenção dos que o ouviam, sobre a origem, sobre o objecto, organização, vantagens e desenvolvimento da Conferencia de S. Vicente de Paulo. Escasseia-nos de todo o tempo para fazermos aqui a devida apreciação do seu discurso ou ainda a resenha d'elle, e que estamos certo interessaria o mais possivel aos leitores; porém é muito provavel que o excellente jornal «A Ordem» de Coimbra o fará. Terminado este

discurso, o iniciador passou a ler a lista dos socios que deviam formar a Meza directora da associação, submettendo a sua escolha á approvação dos cavalheiros allí presentes, os quaes a approvaram por aclamação ou por assentimento tacito.

Inserveram-se muitos socios effectivos e honorarios, elevando-se já o numero actual d'estes a cincoenta ou mais.

Acharam-se presentes á reunião inaugural alguns lentes da faculdade de theologia, o vice-reitor do seminario, muitos ecclesiasticos, os academicos da faculdade de theologia e theologos do seminario, bem como alguns academicos de outras faculdades.

Eram perto de 9 horas quando terminou a sessão.

Está, portanto, estabelecida na cidade academica a sublime instituição humanitaria, que tem por alvo levar o óbulo da esmola e o balsamo do conforto ao seio opprimido das familias envergonhadas.

Coimbra já não é só, por conseguinte, o empório da illustração em Portugal, é tambem a feudataria da caridade: communga com as outras primeiras cidades do reino no movimento religioso e benelicente que tende a dulcificar os males do pauperismo e a supprimir a profunda desmoralisação que d'elle é a consequencia.

Portuguezes, congratulemo-nos!»

Os nossos parabens aos catholicos de Coimbra, e ao piedoso instituidor das Conferencias de S. Vicente de Paulo em Portugal.

Não foi só o P.º Senna Freitas a victima do garotismo, tambem em Lisboa se dera um facto igual, se não mais escandaloso ainda. Vae bem, ao que parece, o tempo para os padres! Não tardará muito que elles não possam sahir á rua, com receio de esbarrar com os *espíritos fortes*.

Nós bem clamamos, e, com pezar o dizemos, ha *padres* que não julgam necessarios os nossos brados! Coitados!

Escutemos o que nos diz o «Novo Rebate»:

«Presenciámos na terça-feira á noute, na rua do Ouro, um escandalo inaudito para o qual chamamos a attenção de suas ex.<sup>as</sup>, o ministro da guerra, e commissario geral de policia.

Ha na referida rua, á esquina da travessa da Assumpção, um estanco, onde, de dia e noute, se juntam, á porta, grande numero de garotos vadios, uniformizados de sargentos aspirantes, que com o maior descaero se entretêm em dirigir aos transeuntes, principalmente do sexo feminino, toda a qualidade de grãcola estúpida e indecente; ante-hontem á noute entrava com sua familia n'uma loja de ourives allí proxima, um respei-

tabilissimo sacerdote estrangeiro, vestido d'habitos talares, e em poucos instantes foi invadido o referido estabelecimento por essa catilla de bregeiros, gritando: *é jesuita, mata que é jesuita*, e outras amabilidades que o pudor e a decencia nos obrigam a guardar em silencio. Não houve intervenção de policia como seria para desejar; terminou aquella scena, que é decerto, originada pelas insinuações da imprensa grosseira e impia, por o rev.º sacerdote se metter n'um trem para assim fugir a tal desaforo.»

Felizmente nem tudo está perdido ainda em Portugal. E' prova d'isso o facto que se deu ha dias em Lisboa, n'um theatro.

Annunciara-se uma conferencia contra os jesuitas. Alguns catholicos foram tambem ao local, e quando o conferente principiou a asneiar, como o sabem fazer os inimigos do catholicismo, deram mostras de desagrado, e fizeram calar o orador para se dar principio á verdadeira festa. Houve muito murro, muita bengalada, apagou-se o gaz, foi uma confusão pasmosa. Chegaram á rua e os catholicos bradaram então:—viva a religião, viva a Igreja Catholica, viva o Papa e viva Deus nos corações fleis!

E a estes gritos, soldados por alguns catholicos, todas as janellas se abrem e mil vozes respondem—viva! agitando as damas os seus lenços brancos.

Este facto honra sobremodo o povo da capital, que assim protesta publicamente contra as tontas tentativas de quatro republicanos atheus, que querem mudar as crengas d'um povo.

O facto mais extraordinario e que mais tem prendido a attenção dos jornaes francezes é o das exequias celebradas por alma do Padre Lacordaire, na igreja de Santo Agostinho, em Paris.

Eis o que nos diz a *Union*: «Sem aviso previo, sem preparativos, o anniversario do P.º Lacordaire, celebrado em Santo Agostinho, tomou as proporções de uma grandiosa e magnifica manifestação a favor da liberdade religiosa.

A' direita do catafalco estavam collocados todos os dominicos de Paris, trazendo os seus habitos brancos, deixando ver sobre elles, alguns, as insignias da Legião de honra, e á frente d'elles os priores dos mosteiros da rua de Beauvais e Saint Honoré. A' esquerda viam-se os snrs. Buffet e Broglie, senadores, deputados, muitos membros do partido catholico de Paris, e grande numero de clerigos. As outras ordens religiosas estavam tambem representadas, bem como sua Em.<sup>a</sup> o Cardeal Arcebispo de Paris.

Depois da missa, o reverendo padre Montsabré pronunciou a oração funebre do padre Lacordaire. O orador não se

propôz fazer um discurso pomposo e brilhante: fallou singellamente, porém com a emoção profunda que as circunstancias explicam, e com a qual commoveu o immenso auditorio.

Não traçou a vida do P.º Lacordaire: referiu sua obra, a restauração da liberdade monastica em França. Por vezes os soluços detiveram a palavra em seus labios, e por vezes tambem, electrizado o auditorio, manifestou o seu entusiasmo pelos grandes pensamentos do filho de Lacordaire. Porém, este, com gesto cheio de aucloridade, conteve os applausos e as aclamações prestes a estallar.

O P.º Montsabré traçou o quadro da familia de S. Domingos devolvida á França pelo illustre restaurador, desde a modesta casa de Nancy até as recentes fundações.

A multidão que se apinhava no templo estremeceu quando o orador lamentou a subita ruina de todas estas moradas, quando, como testemunha, descreveu a maneira como se fizeram cahir, feitas pedayos, as portas de todas ellas, os ultrajes feitos aos religiosos, as violencias, Deus arrojado de seus santuarios, os claustros desertos e a liberdade publicamente insultada por aquelles mesmo a quem cumpre protegê-la.

Quando se dirige aos amigos dos religiosos, e lhes agradece sua companhia valiosa, quando empraza para o tribunal de Deus aos executores a sua voz era fraca e como que sumida.

Isto o que se passou no templo. Cá fóra, a policia obrigava o povo a retirar-se, e este teimava em esperar os dominicos para os aclamar á sahida. Os frades, porém, procuravam escoar-se por entre a multidão, mas os gritos ecoavam de: viva a liberdade, vivam os dominicos.

A estes gritos redobram as forças da policia e fortes destacamentos de couraceiros eram postados nas ruas proximas.

E tudo isto para se oppôr a alguns milhares de catholicos desarmados e daltinas vestidas de lucto!

Ainda assim fizeram-se algumas prisões, de homens e senhoras, praticando as brutalidades do costume, por parte da policia.

O congresso revolucionario do Havre tem tido as suas sessões que, na verdade, são dignas de notar-se. Vamos publicar parte dos discursos d'algumas das sessões do dito congresso para que os nossos leitores avaliem quaes as ideias que dominam a revolução, e o quanto urge que todos os catholicos e amigos da ordem social, se empenham em pagar as boas leituras, unico meio com que se pode atalhar ao mal que tão de perto ameaça a familia e a propriedade.

Ora vejamos o que os taes *libertadores* da humanidade disseram:

«Sessão de 18 de novembro. O cidadão Monllin:

«Quando o direito de propriedade for abolido; quando tudo for de todos, não haverá serviços nem salarios, exploradores nem explorados, senhores nem escravos. Então, só então resolver-se-ha a questão do salario. Se me perguntam o que substituirá o salario, ou qual será na sociedade futura a remuneração do trabalho, responderei: Cada um faça o que poder e trabalhe; isto será sufficiente para lhe dar o direito de se apossar gratuitamente da taça dos productos do labor humano universal, tudo o que lhe for necessario.

Sessão de 19. O cidadão Kahn:

«A nossa conclusão é muito clara: *primo*, no campo economico, abolição da propriedade; *secundo*, no campo politico abolição do Estado e criação d'isto a que os burguezes e as authorities chamam, benzendo-se, a anarchia.

Sessão de 20. O cidadão Rouzade:

«Aos que fallam tão alto dos direitos adquiridos, responderei: Restitui tudo o que não fizestes por vós proprios; não guardeis mais do que o fructo do vosso trabalho. Dai-nos as vossas casas que não edificastes; os moveis que não fabricastes; os milhões, que outros ganharam para vós.

O cidadão Fauchi: A sociedade está na agonia; seremos os coveiros. A propriedade e o roubo. Abaixo os ladrões.

O cidadão Bastille: «E' preciso que a propriedade individual seja abolida; por outra fórma, a centralisação das forças economica transformará cedo todas as manufacturas em riquezas para os capitalistas. Em conclusão: é necessario fazer entrar na propriedade collectiva a terra e os instrumentos do trabalho, e isto por todos os meios possiveis.

O cidadão Kahn: Disse-se que os proprietarios são uns ladrões. E' verdade. Não basta porém. Este verme que roe o corpo social merece outra qualificação. Para nós os proprietarios são uns assassinos. Convidamos a que vos prepareis para a revolução proxima, vos organizeis para o combate. Que o nosso programma seja a destruição total do poder administrativo, politico, juridico, economico e religioso, da actualidade.

O cidadão Hebrard: Eis as minhas conclusões: 1.ª Abolição da propriedade, quer individual, quer collectiva. 2.ª Repartição forçada da riqueza social.

Sessão de 21. O cidadão Pablo Menck: «Uma palavra ainda. Accusam-nos de falta de patriotismo, quando os socialistas, pelo contrario, são os melhores patriotas. São os que se oppõem a uma guerra nefasta, os melhores defensores da patria, emquanto que os *burguezes*, que monopolisam o patriotismo, ficam

na rectaguarda, receiosos de que uma bala allemã vá estragar a sua pelle asetinada e partir-lhes o nariz. Somos patriotas. Por isto não queremos a desforra, temendo que a França seja inundada de moedas com esta inscripção: *Imperio ou reino de França*, com a effigie de Gambetta coroado de louros. A desforra que queremos é dar à Allemanha a republica e a revolução.

Desnecessario será accrescentar que o congresso socialista votou todos os principios da Communa, desde o da liberdade da prostituição, até o da suppressão do direito de herdar em linha collateral, e na recta o que passar de 20:000 francos.»

E que tal? querem melhores oradores, melhores economistas?

Tivemos noticias dos jovens missionarios que, em companhia do Ex.º e Rev.º Sr. Bispo d'Angola, partiram ha tempos para Africa, como noticiaramos. Muito folgamos de as haver recebido directamente d'um dos mesmos missionarios.

Tanto Sua Ex.ª Rev.ª como os padres missionarios foram muito bem recebidos em todas as terras onde desembarcaram, e em Loanda foi S. Ex.ª Rev.ª recebido com todas as mostras de regoziço e enthusiasmo, sendo conduzido na carroagem do Governador até à Sé onde se cantou um solemne *Te-Deum*.

A viagem foi agradável quanto possivel, cantando-se a Lulainha, com acompanhamento de harmonium, todos os dias.

D'aqui enviamos sinceros parabens a todos pela feliz viagem, agradecendo por este meio ao nosso amigo o favor das noticias que devéras estimamos, reservando-nos para por outra via as agradecer em breve.

Não sabem os nossos leitores o que acontece!?

Alinal, todos os palacios de Lisboa estão comprados pelos Jesuitas! Já não ha um só para vender. O mesmo em que reside S. M. está em negociações de compra. E d'aqui a dias toda a cidade, e o reino de Portugal e Algarve, estará comprado pelos Jesuitas; é o que não tarda a dizer-nos o *Diario de Noticias*.

J. DE FREITAS.

## AOS NOSSOS ASSIGNANTES

Publicamos hoje o *Progresso Catholico* com 16 paginas, e assim o continuaremos a publicar logo que tenhamos recolhido mais assignaturas. O nosso intento, para melhorar quanto possivel esta revista, não é augmentar o preço da as-

signatura; é augmentar o numero dos assignantes, com o que conseguimos custear as despezas de tão dispendiosa publicação, e alargar as raia da sua publicidade.

Para o conseguir basta-nos a cooperação dos nossos actuaes subscriptores, que, com pequeno sacrificio, podem fazer triplicar o numero dos assignantes. E' para isso, para que cada um secunde os nossos esforços, que distribuimos hoje a cada um dos nossos assignantes um prospecto, que esperamos nos seja devolvido coberto com novas subscripções, ou pelo menos que nem um só fique completamente em branco.

No segundo n.º de março contamos dar principio à publicação com 16 paginas, ficando por tanto o 3.º volume com **352 paginas** em vez de **284** que teve o 2.º

Se porem, como esperamos em Deus, a boa vontade dos nossos assignantes corresponder ao nosso desejo, não ficará aqui o melhoramento do *Progresso Catholico*.

Não, então faremos mais, a principiar no 1.º de maio, e como um padrão erigido em meio do jornalismo portuguez, à Rainha dos céos e da terra, principiaremos a publicar o nosso periodico illustrado com magnificas gravuras. **D'esta arte nos annos seguintes, terá cada um dos assignantes do Progresso Catholico um volume de 384 paginas, com magnificas gravuras, por 600 réis. pelo preço que lhe custa qualquer livro em 8.º, com 200 paginas!**

Ao mesmo tempo juntamos um prospecto para a **Historia de Pio IX**, que está no prélo, e será distribuido em breve.

Os snrs. assignantes do *Progresso Catholico* teem n'esta obra o abatimento de metade do custo da assignatura do mesmo periodico, pois que cada fasciculo para os assignantes do *Progresso* custa 300 réis, e para não assignantes 400 réis.

A' propaganda do *Progresso Catholico*, leitores, e assim tereis concorrido para levantar uma forte barricada em Portugal, contra o protestantismo, o maçonismo, o socialismo, o nihilismo, que todos, cada um por sua conta, caminham ao mesmo fim: fazer da sociedade, da familia, da propriedade, um montão de ruinas.

TEIXEIRA DE FREITAS.

IMPRESA COMMERCIAL

DE

SANTOS CORREA & MATHIAS